

TALENTOS

FENAE APCEF

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-presidente:
Sergio Takemoto
Vice-presidente:
Clotário Cardoso
Diretor de Administração e Finanças:
Marcos Aurélio Saraiva de Holanda
Diretor de Esportes:
Rafael de Castro Leite Pereira
Diretor de Comunicação e Imprensa:
Moacir Carneiro da Costa
Diretor Sociocultural:
Emanoel Souza de Jesus
Diretora de Assuntos de Aposentados e Pensionistas:
Rita de Cássia Santos Lima
Diretor de Formação:
Nilson Alexandre de Moura Júnior
Diretora de Relações do Trabalho:
Fabiana Cristina Meneguele Matheus
Diretor de Saúde e Previdência:
Leonardo dos Santos Quadros
Diretora de Políticas Sociais:
Rachel de Araújo Weber
Diretora de Impacto Social:
Giselle Maria Araújo de Menezes
Diretor Jurídico:
Marcos Leite de Matos Todt
Diretor da Região Norte:
Paulo Roberto da Costa
Diretor da Região Nordeste:
Paulo Roberto Massetti Moretti
Diretora da Região Centro-Oeste:
Vera Lúcia Barbosa Leão
Diretor da Região Sudeste:
Paulo Roberto Damasceno
Diretor da Região Sul:
José Megume Tanaka
Diretor Executivo:
Antonio Luiz Fermino

Coordenação Editorial:
Lis Weingartner e Cinara Lima
Coordenação de Relacionamento:
Vera Mourão, Camila Guimarães e Vanessa Dantas
Conteúdo e Redação:
Antônio José Reis
Revisão:
Andréa Viegas e Raquel Coelho
Produção Artística e Pesquisa:
Ana Luíza Victorino
Projeto Gráfico e Diagramação:
Lisarb Senna
Foto - Acervo Fenae:
Dilná Silva Almeida

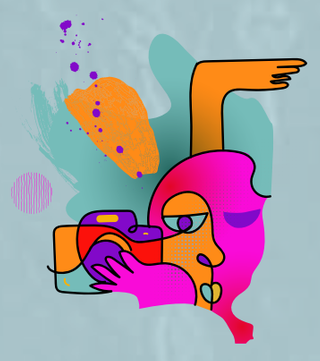


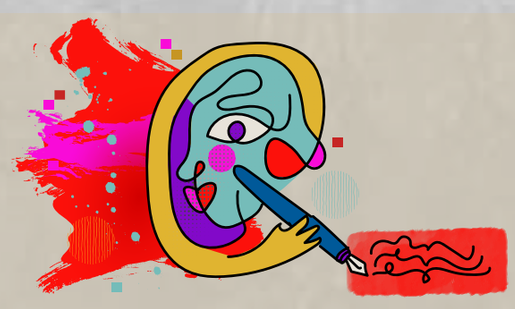
FOTO 8



FILME 11

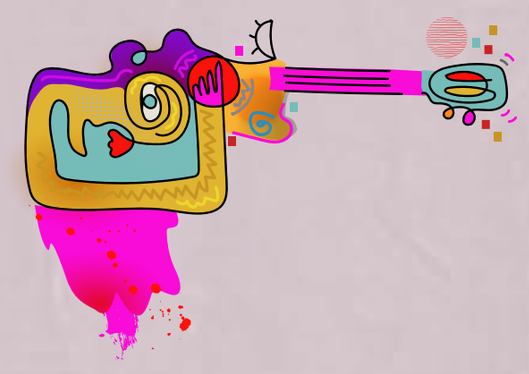
DESENHO E PINTURA 15

DESENHO INFANTIL 18



CONTOS E CRÔNICAS 22

POESIA 37



COMPOSIÇÃO 41

INTERPRETAÇÃO 47

ARTE É SENTIR

Eis o porquê de a arte *é* sentir

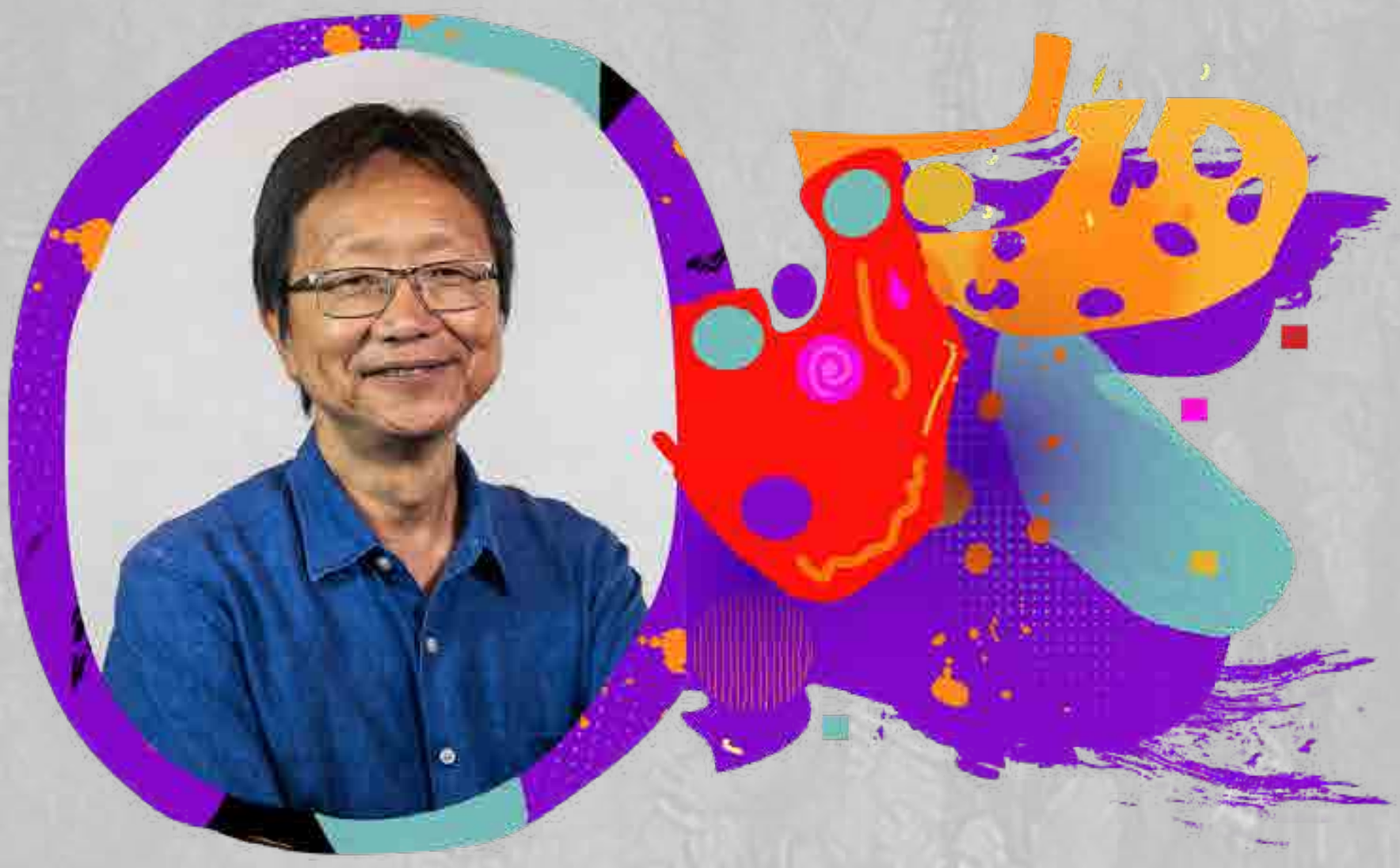
Aprender que os detalhes incomuns, as pequenas ações de criatividade, as escolhas inspiradas no uso técnico e profissional das mais diversas categorias e modalidades encontram-se no fazer artístico visual, de expressão plástica, literária e musical dos empregados e aposentados da Caixa. Tudo em clima de festa, confraternização e integração, unindo emoção, arte, identidade cultural e solidariedade.

Assim foi a 8ª edição do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025, cuja grande final em Foz do Iguaçu (PR) extraiu o que foi possível da temática "Arte *é* sentir". O evento, mais do que um show artístico e cultural, marcado por apresentações musicais, exposições e sentimentos à flor da pele, foi feito de conexão entre bancários, acompanhantes, torcedores e equipes de organização, revelando ainda o sopro de afirmação de sonhos ousados dos artistas do banco público.

Os participantes de todo o país, incluindo os autores das **2.421 obras inscritas em Artes Visuais (990), Artes Plásticas (523), Literatura (587) e Música (321)**, estão de parabéns. Todos, sem exceção, se dedicaram e levaram sua arte adiante. De nossa parte, Fenae e Apcefs – com destaque para a acolhida da Apcef/PR (anfitriã), o compromisso *é* de seguir incentivando a cultura e os talentos que existem em cada empregado da Caixa.

Impressiona o fato de que esse vínculo com a arte e com a cultura se renova a cada edição do Talentos Fenae/Apcef. E até sobrevive, mesmo diante de conjunturas adversas. Em cada geração de empregado que se levanta em defesa da Caixa 100% pública. Em cada bancário que participa de eventos pelo bem-estar e pela qualidade de vida do pessoal do banco. Em cada trabalhador que ousa reafirmar a mobilização por direitos, mirando um ambiente de trabalho mais leve, mais justo, mais humano.

Em 2024/2025, Talentos Fenae/Apcef foi mais do que um momento. Foi um símbolo. Para sentir a arte mais de perto, o convite *é* para que todos confiram obras e depoimentos de artistas bancários ou de bancários artistas.



Sergio Takemoto

Presidente da Fenae

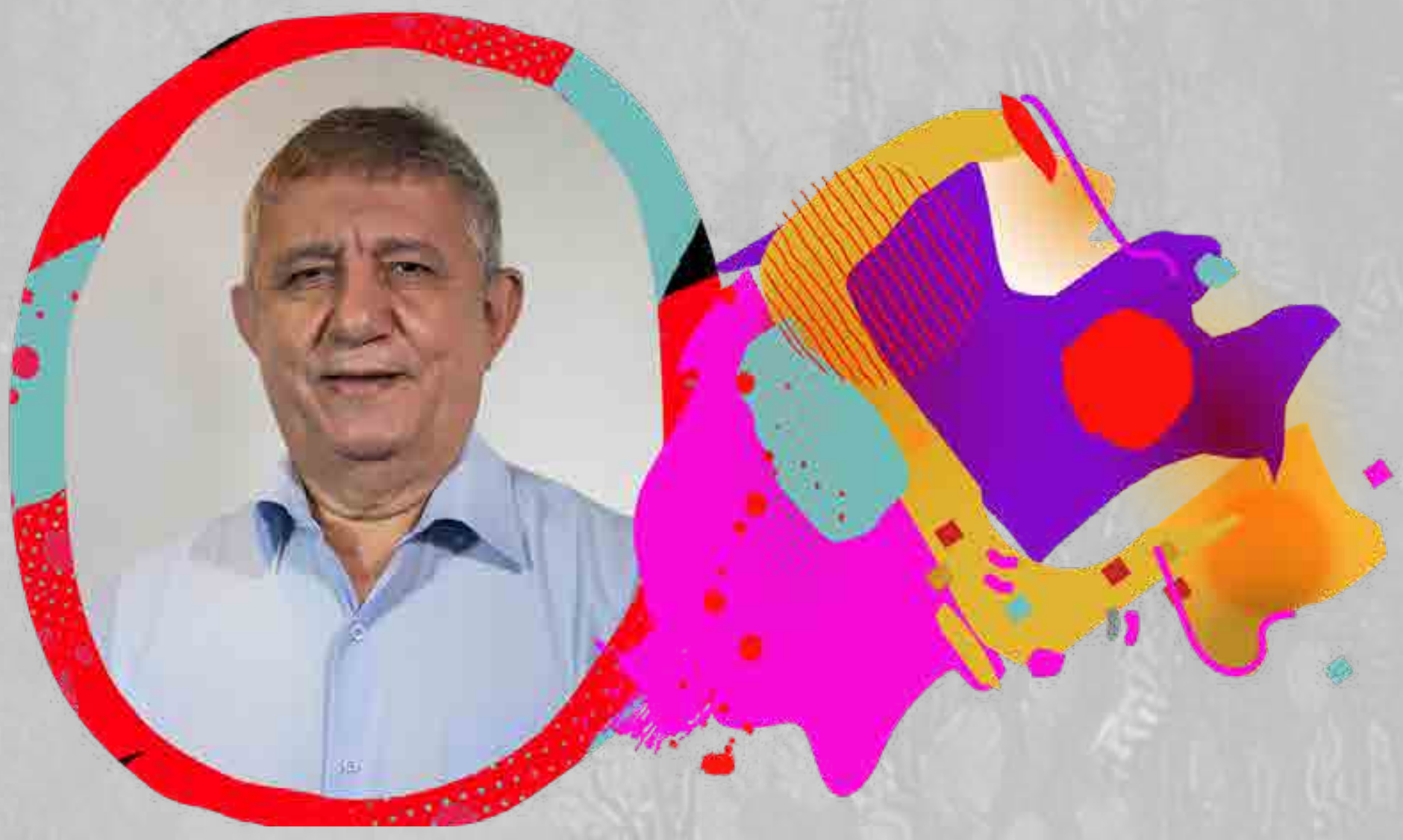
“A resposta dos associados foi gratificante e marcada pela disputa saudável de obras com muita qualidade e diversidade. O tema ‘Arte é sentir’ mobilizou as 27 Apcefs de todo o país, com a realização das seletivas. Participantes mostraram sua habilidade artística, centrada na valorização da nossa cultura. Nosso compromisso é de continuar estimulando o empregado a mostrar seu talento”.



Cardoso

Vice-presidente da Fenae

“Além de incentivar a descoberta de talentos artísticos, nos espaços de todas as associações no país, o Talentos Fenae/Apcef proporcionou momentos de integração e confraternização entre os empregados. Cultura é transformação, é ação política por um país melhor, soberano e mais democrático. O Talentos agrega valores, emoções e segue alimentando, na alma dos artistas do banco, o desejo de mudança social por meio da cultura”.



Marcos Saraiva (Marcão)

Diretor de Administração e Finanças da Fenae

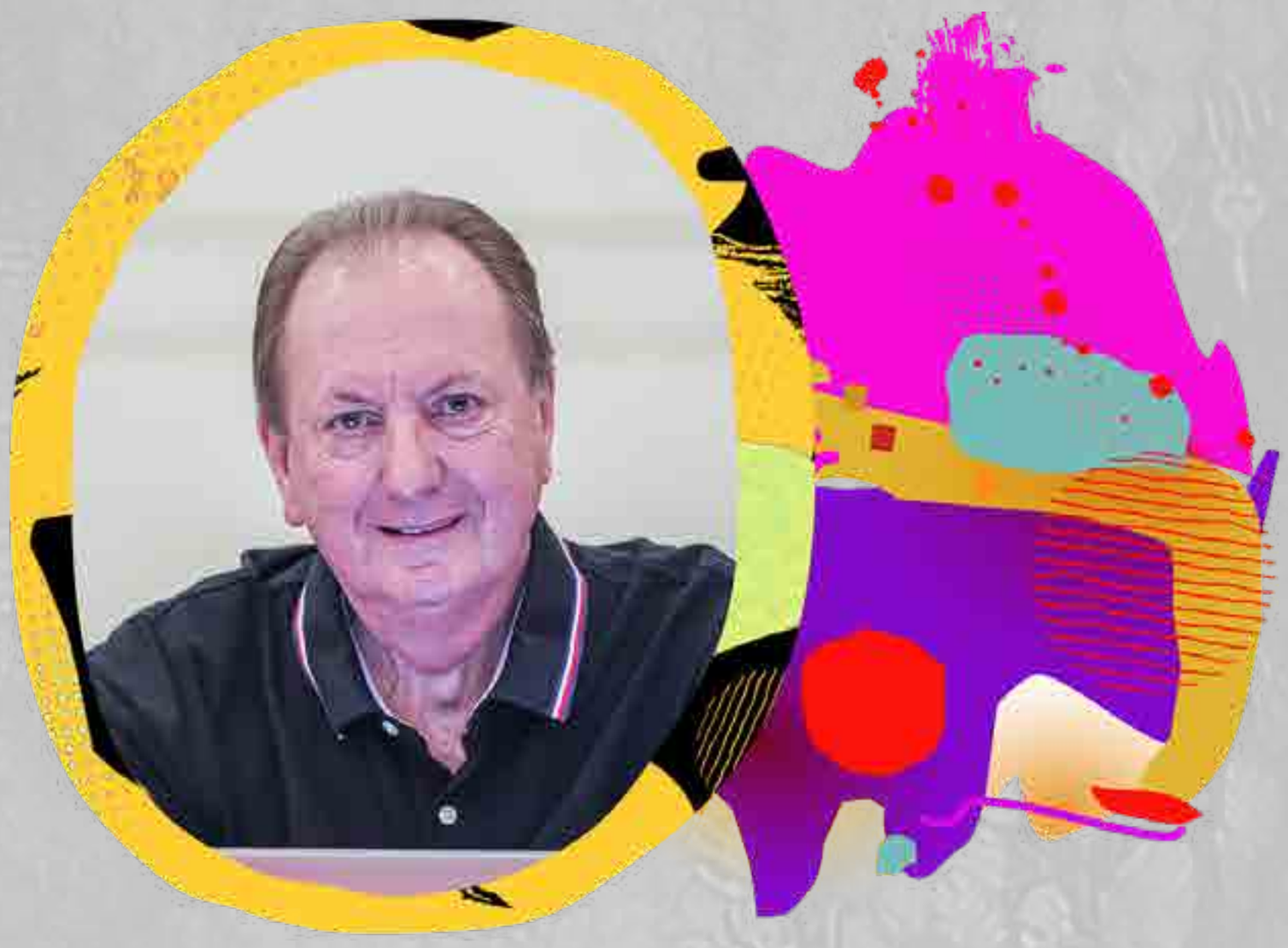
“O Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 foi um concurso inovador e de conteúdo transversal. Incentivou os colegas a mostrarem suas habilidades e promoveu interação. O evento é uma das formas da nossa Federação promover o bem-estar do pessoal da Caixa. O concurso mobiliza pessoas, porque é arte e é cultura. O incentivo à prática cultural faz parte da missão da Fenae, assim como defender a Caixa pública e os direitos dos trabalhadores”.



Emanoel Souza de Jesus

Diretor Sociocultural da Fenae

“O Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 estimulou uma criação artística diversificada entre os empregados da Caixa. Isso influencia positivamente nas vidas de cada bancária e cada bancário, pois permite que eles saiam da rotina estressante do dia a dia nas unidades do banco público. Nesta última edição, que ocorreu na cidade de Foz de Iguaçu/PR, participaram 2.421 empregados. De fato, a arte é mobilizadora e a Fenae leva cultura para o pessoal da Caixa”.



Jesse Krieger

Presidente da Apcef/PR

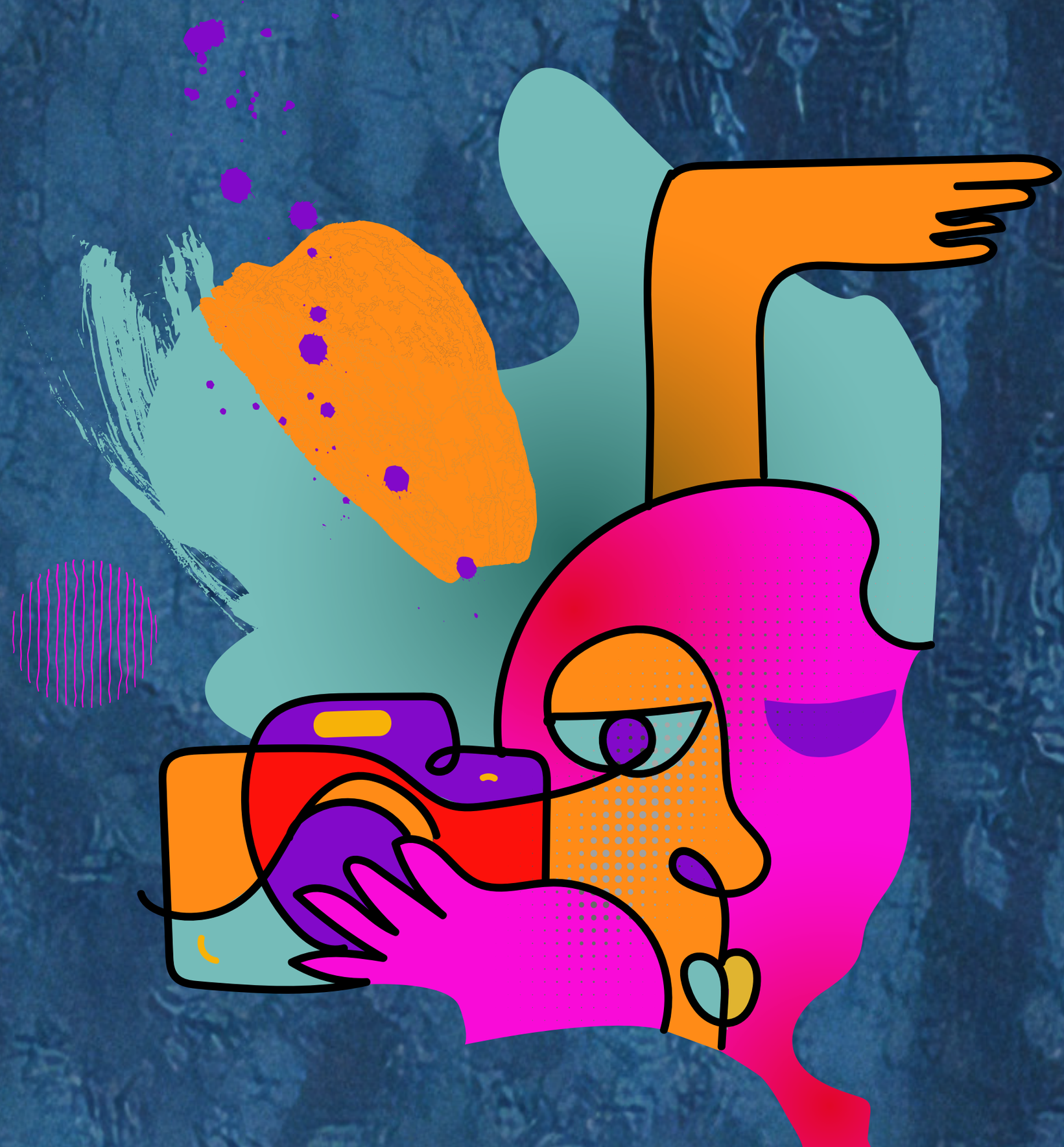
“A última versão do Talentos, realizada em Foz do Iguaçu, no Paraná, foi considerada um sucesso total. A Fenae oportunizou uma infraestrutura excepcional para que os artistas pudessem efetivamente demonstrar suas habilidades, com régua de nivelamento de profissionalismo. Para a Apcef/PR, foi uma satisfação muito grande receber o evento e os artistas de Norte a Sul do país, numa cidade onde temos as Cataratas do Iguaçu, considerada uma das sete maravilhas naturais do mundo”.



José Herculano (Bala)

Presidente do CDN

“A Fenae proporciona aos empregados da Caixa mais uma oportunidade de descobrir e divulgar o talento que existe em cada um de nós. Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 foi mais que arte, foi diversão, foi alegria.
O evento contribui para a qualidade de vida dos trabalhadores. Foi importante o fato de ter havido adesão dos nossos associados, com grandes obras, muita interação e torcida. Muito obrigado, Fenae, pela chance de valorizar os talentos artistas que servem ao povo brasileiro”.



ARTES VISUAIS

Como campo de estudo e apreciação estética, o conceito contemporâneo de artes visuais emergiu após a Segunda Guerra Mundial, para englobar as diversas formas de expressão artística percebidas pelos olhos. Tem papel crucial no desenvolvimento humano e na organização da sociedade, pois rima com comunicação, reflexão e transformação. E permite que o artista explore sua criatividade, compreenda o mundo ao seu redor e se conecte com outras culturas e períodos históricos.

FOTO

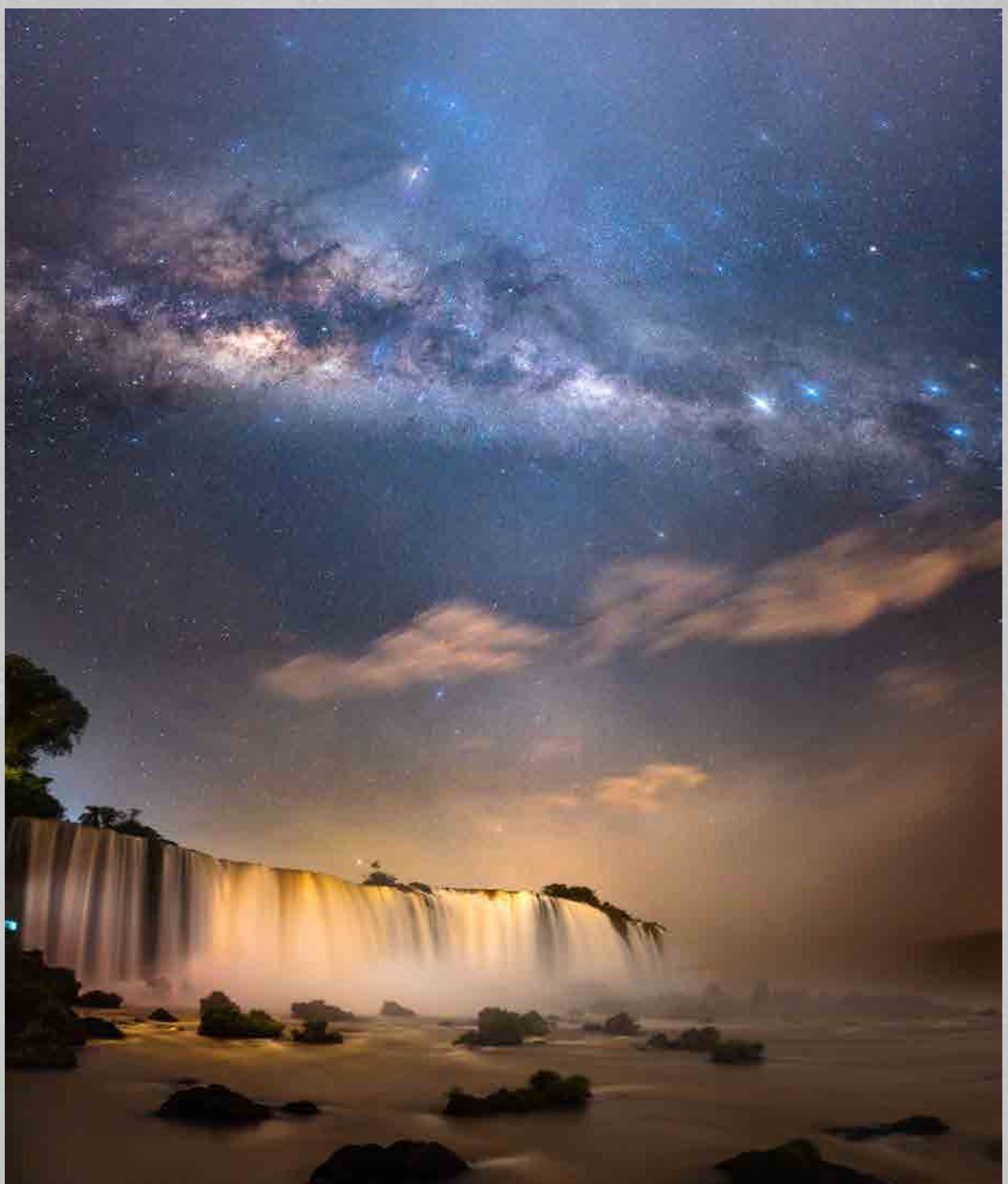


1º lugar | Mucuripe |

Leandro Arruda Leal | Apcef/CE

“Participar do Talentos Fenae é, por si só, uma grande conquista. O evento é uma verdadeira celebração da cultura, reunindo artistas de todas as regiões do Brasil, com uma estrutura e organização que impressionam. Esta foi a minha sexta participação e, até então, o resultado sempre escapava por pouco. Sinto-me imensamente orgulhoso por levar esse título para o meu estado, especialmente porque a obra retrata um dos cenários mais belos do Ceará: a Praia de Mucuripe”.

FOTO



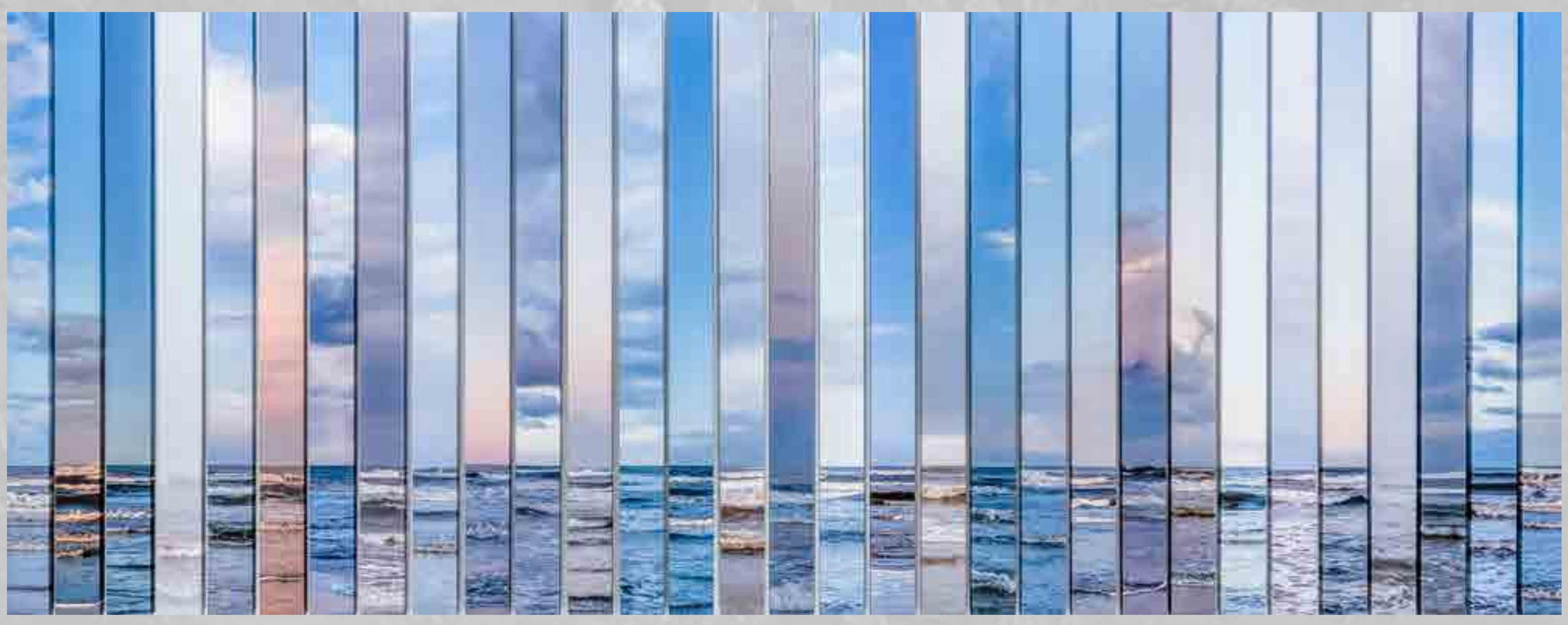
2º lugar | Estrelas sobre a água |

Zanine de Albuquerque Tome | Apcef/PB

"Um evento sensacional que me fez ter orgulho de trabalhar na Caixa e fazer parte da Fenae, uma entidade que incentiva o lado cultural dos empregados do banco público e promove um encontro dessa grandeza".



FOTO



3º lugar | Permanente impermanente | Efreu Brignol Quintana | Apcef/RS

“A premiação em um concurso da dimensão e abrangência do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 é uma felicidade! Ainda mais ao ver a grande qualidade dos trabalhos finalistas. E o melhor foi conhecer e conviver com tantos colegas de todo o país em um baita evento”.



FILME

Acesse a obra aqui



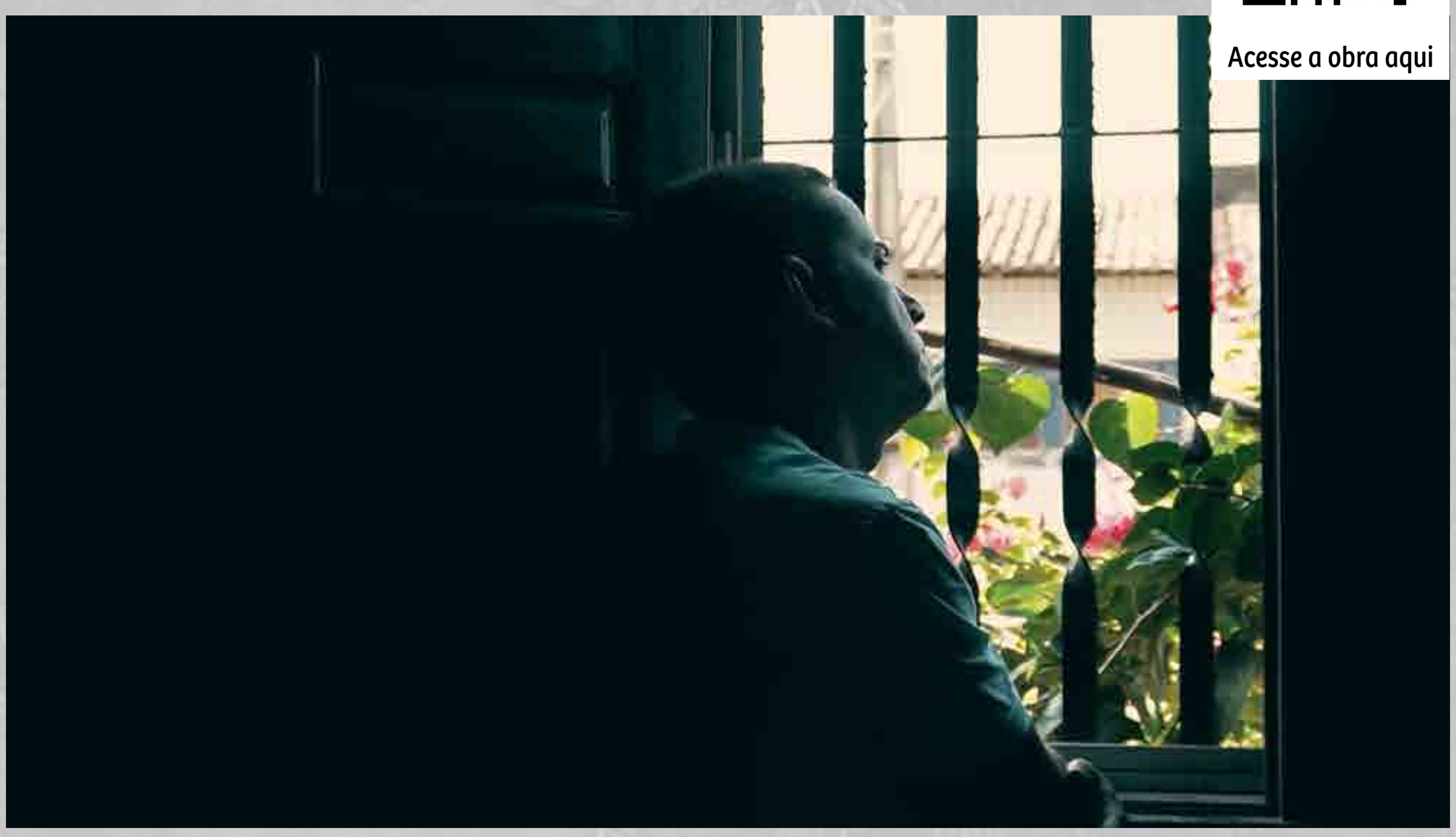
1º lugar | Perspectivas | José Gil Cabral de Souza | Apcef/PE

“O evento Talentos Fenae 2024/2025 é uma confluência de artes. Fazer parte desse palco, além de gratificante, é estimulante, pois fortalece vínculos, inspira a criatividade e valoriza a expressão cultural de cada participante”.



FILME

Acesse a obra aqui



2º lugar | Lado de dentro |

Raimundo Eduardo Santos dos Reis |

Apcef/MA

“Eu sempre tive dúvidas se eu era um ator bancário ou um bancário ator. Acho que tanto faz, porque na verdade eu sou mesmo é um artista de bem com a vida, e agora um artista vencedor do segundo lugar da modalidade Filme no maior festival nacional de arte entre bancários. Se participar já era bom, ganhar é muito bom. Viva”!



FILME

Acesse a obra aqui



3º lugar | Abandono |

Francisco Alenilson Girard da Silva |

Apcef/PA

"Já participo do Talentos Fenae/Apcef desde 2013 e sempre considerei um dos eventos mais brilhantes proporcionados por nossa Federação. Ter sido premiado com meu curta, que trata do abandono de idosos, foi algo muito significativo, tendo em vista que, apesar dos idosos não terem a devida atenção de nossa atual sociedade tecnológica e veloz, eles ainda têm muito a contribuir com conhecimento e valores".



ARTES PLÁSTICAS

Na edição de Foz do Iguaçu (PR) do Talentos Fenae/Apcef, papel, tinta, gesso, argila, rochas, madeira, minerais e metais, programas de computador e outras ferramentas tecnológicas foram fundamentais para o bancário produzir peças criativas. Desse modo, atento ao tema “Arte é sentir”, foi possível materializar imagens e formas, reais ou imaginárias, de acordo com a vontade de cada empregado artista. O uso de elementos visuais e táteis, para simbolizar algo, sempre fez toda a diferença.



DESENHO E PINTURA



1º lugar | Olhares | Marise Pimenta da Paula | Apcef/MG

“Fiquei muito feliz e emocionada pela conquista do primeiro lugar, na categoria Artes Plásticas – modalidade Desenho e Pintura, no evento Talentos Fenae/Apcef 2024/2025”.



DESENHO E PINTURA

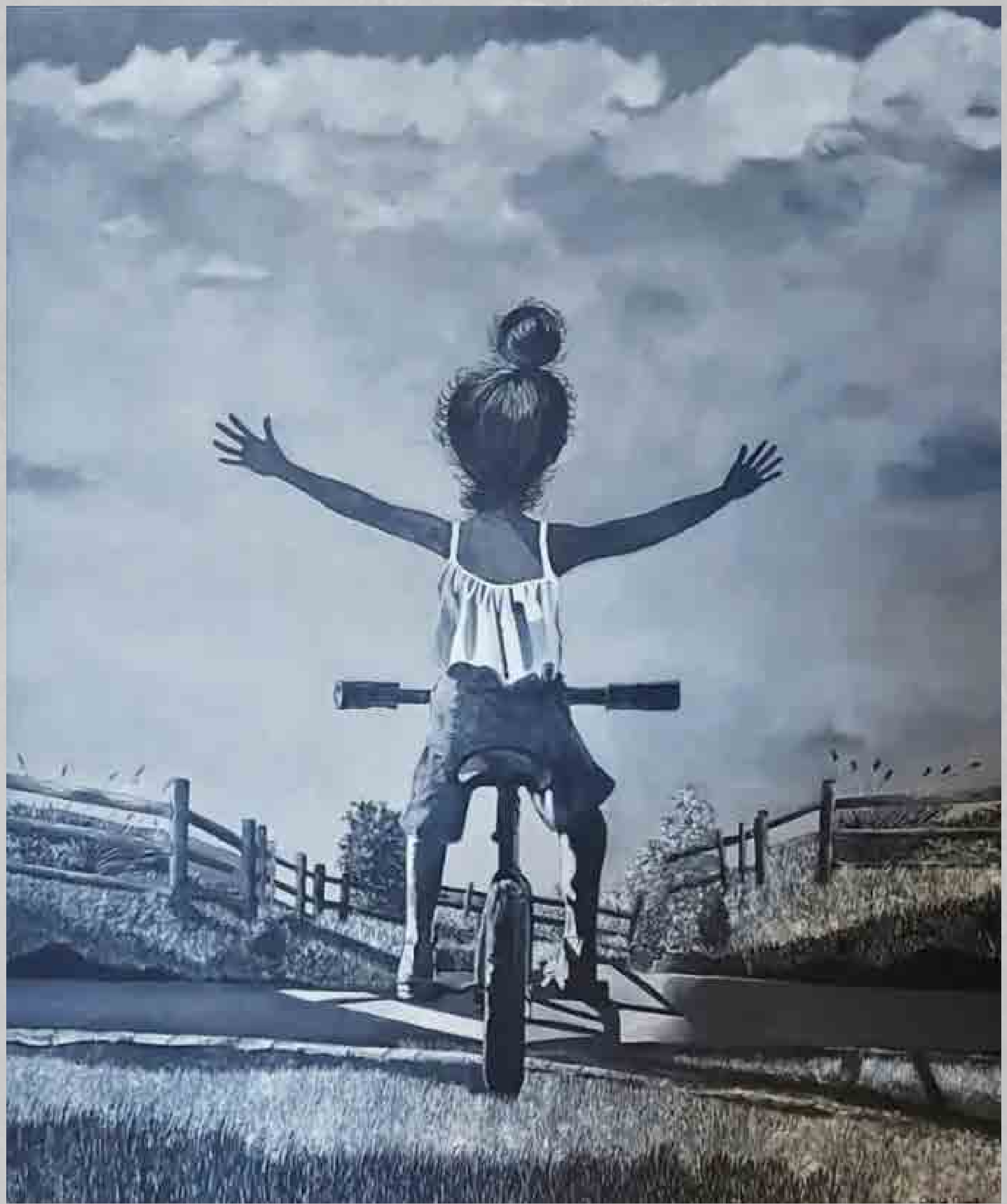


2º lugar | A cidade |
Luiz Henrique Lins Barros de Carvalho |
Apcef/PE

“Foi emocionante participar de um evento grandioso como o Talentos Fenae/Apcef 2024/2025. Alegria em dobro, por ter saído de lá premiado. Vida longa ao Talentos!”



DESENHO E PINTURA

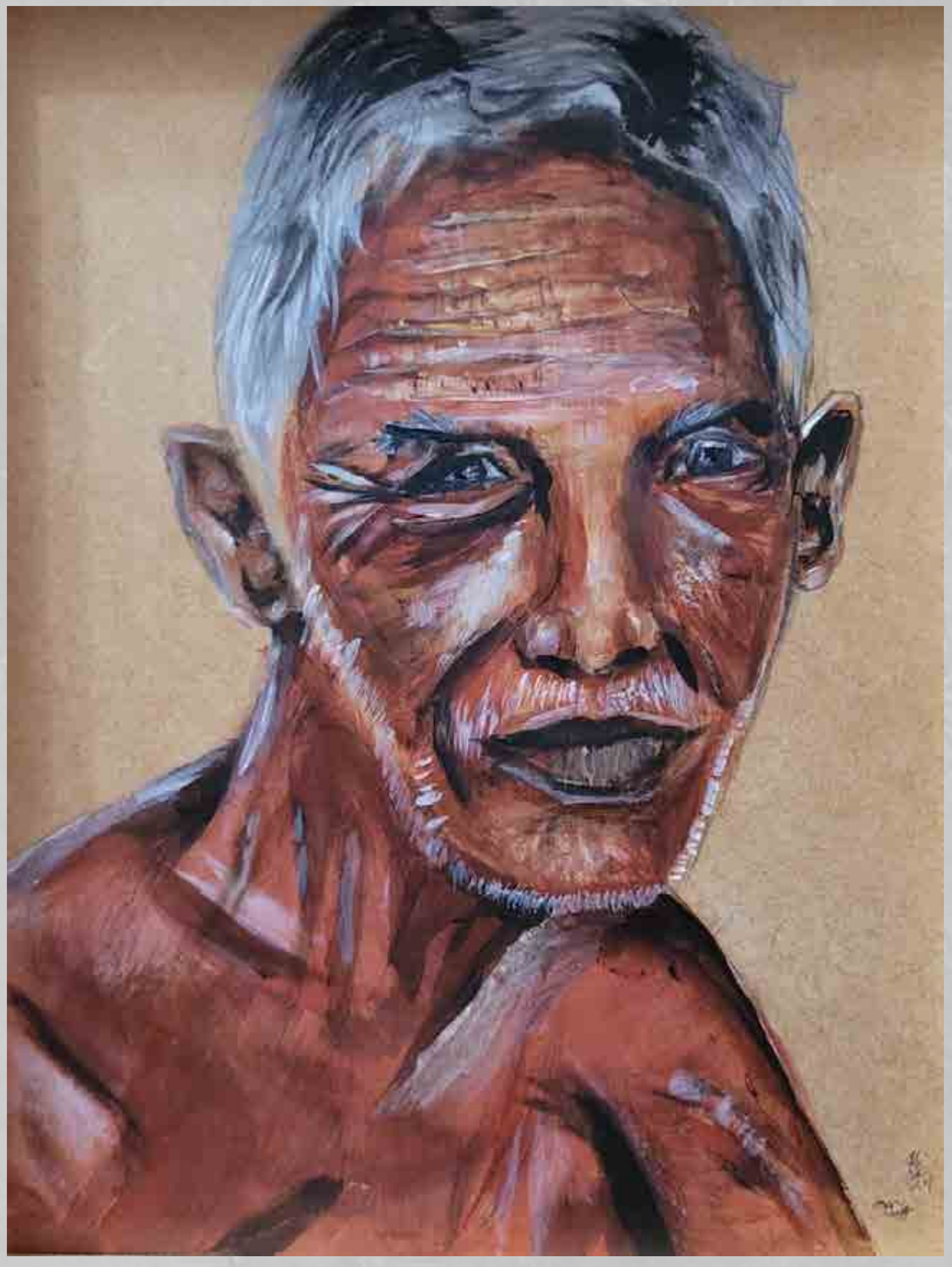


3º lugar | Livre para buscar o meu lugar ao sol | Camila Gonçalves de Oliveira | Apcef/PB

“Como artista plástica há mais de 20 anos, o Talentos Fenae/Apcef é um evento muito importante para mim. Não apenas pela valorização e reconhecimento das artes, mas também pela troca com colegas artistas de todo o país. E ter conquistado o terceiro lugar na categoria Artes Plásticas – modalidade Desenho e Pintura me motivou a participar ainda mais”.



DESENHO INFANTIL



1º lugar | Neblina da manhã | Tiago Paixão Brandão | Associada: Letícia de Sousa Paixão | Apcef/DF

"Eu e meu filho Tiago nos sentimos privilegiados de ter feito parte desse evento incrível, que foi a edição Talentos Fenae/Apcef 2024/2025. Fomos recebidos com muita hospitalidade e afabilidade. Sentimo-nos mimados. Minha criança, no caso o filho Tiago, jamais vai esquecer esse momento. Ele sentiu um prazer que só a arte e a cultura podem nos proporcionar. Agradecemos por tudo!"



DESENHO INFANTIL



2º lugar | Bora Bahêa | Giovanni do Bomfim Costa Santana de Jesus | Responsável: Jaqueline Ferreira Bomfim Costa Santana | Apcef/BA

“Participar do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 foi uma experiência incríivel. Ver, então, o meu trabalho reconhecido em um evento tão grandioso emociona e motiva a fazer melhor. Esse segundo lugar foi um orgulho imenso”.

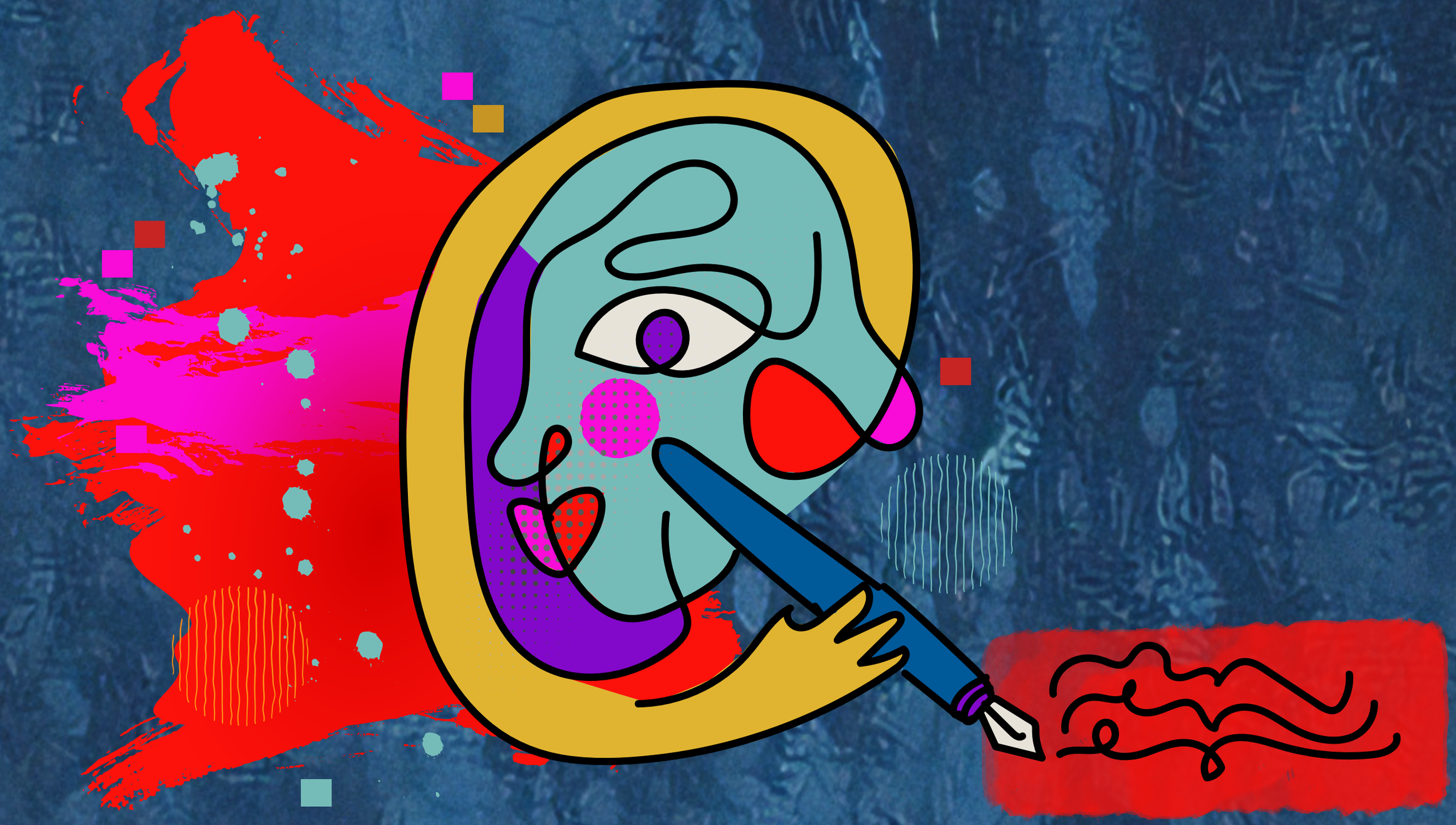


DESENHO INFANTIL



3º lugar | Favela à beira do rio | Maria Paula Mácola Marins | Associado: Ricardo Dornas Marins | Apcef/PA

"É sempre uma grande emoção participar, mais uma vez junto com minha filha, da final do Talentos Fenae/Apcef – 2024/2025. Acredito que incentivar talentos é plantar sementes de autoestima e transformação, que podem mudar destinos. Ver minha filha coroada mais uma vez enche meu coração".



LITERATURA

A palavra é a matéria-prima da literatura, seja ela em prosa, em verso/poesia ou no reverso de qualquer definição precisa do gênero. O texto literário constitui um convite à imaginação e retrata emoções variadas, recriando a realidade através da visão de um autor, dos seus sentimentos e técnicas narrativas. No Talentos Fenae/Apcef, mais do que o registro de contos e crônicas e de poesia, existem obras que surpreendem pela qualidade e diversidade temática. São talentos inspiradores.

1º lugar| Travessia | Ana da Costa Bandeira | Apcef/PB

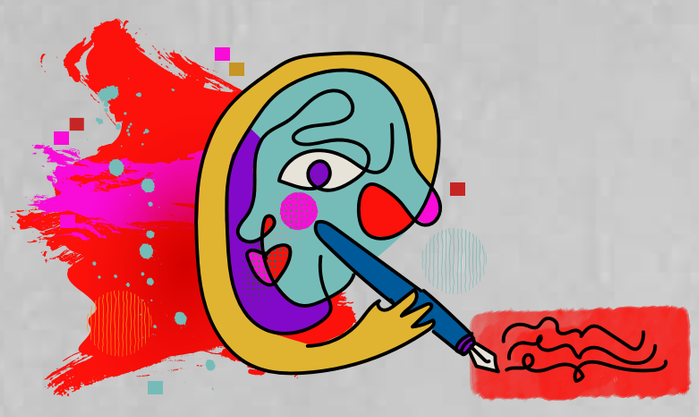
"Participar do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 na categoria Literatura – modalidade Contos e Crônicas, por si só, já foi uma experiência inédita e intensa para mim. Porém, conquistar o primeiro lugar em nível nacional teve um gosto especial, gratificante, e incentivador de novas produções literárias".

TRAVESSIA

Solana Bandeira

Do outro lado do rio, bem em frente à escola, morava Pajeroba, que além de transmitir a sabedoria de seus antepassados indígenas, também exercia a arte da cura com plantas e rezas. Era o curandeiro da região, o pajé. Deste lado, residia a professora com sua família e seus agregados: o esposo Nonato, as duas crianças, comadre Dica, que viera com eles da cidade, e cuidava da lida da casa e das duas crianças pequenas, Manito, seu irmão desajustado, que vivia indo e vindo, e Zezinho, o afilhado de 16 anos, que pouco ia em sua casa, lá para as cabeceiras do rio.

Era a primeira escola implantada na parte baixa do rio Itacuruba. A professora viera na missão de educar as crianças da região. Porém, antes de vir, o padre a procurou para agregar à sua grande missão também a tarefa de dar aulas de catequese, "domesticar" e "dar estilo" àquelas crianças que andavam livres, nadavam nuas nas águas dos rios, meninas que subiam seminuas em árvores como se fossem moleques, comiam com as mãos, catavam piolhos diante de todos, e ainda por cima não tinham religião. Poucas delas eram batizadas ou sabiam fazer o sinal da cruz! Precisava urgentemente prepará-las para a Primeira Eucaristia. Mariana desconfiava que ainda adoravam o sol, a lua e o Deus Tupã influenciadas pelo convívio com o compadre Pajeroba, que não era bem seu compadre, mas por tradição do



lugar logo adotavam essa forma de tratamento. Poucas vezes se viam, só mesmo quando ele atravessava para comprar tabaco no armazém do marido e ela estava na sala de aula ao lado. Começou a sondar e descobriu que aquele bocado de canoas amarradas em sua ponte era de pessoas que vinham se consultar sobre seus males carnais e espirituais. A professora torcia os beiços praquelas práticas e quando tinha oportunidade orientava as comadres:

- Comadre, é melhor a senhora levar essa menina no médico da cidade. No SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) tem médicos muito bons e de graça. Cuidado com essas pajelanças que podem até prejudicar mais ainda.

- É cumade, mas não temos recursos pra chegar até a cidade e cumpadre Pajeroba é muito bom e não cobra nada também.

- Mas não tá vendo comadre, que raízes, folhas e unguentos não podem resolver problemas sérios de saúde?

- Mas ele também reza em cima cumade e tem dado certo.

- Reza como comadre? Ele nem segue as leis de Deus. O que ele faz é pajelança.

- Tá bom cumade, vou ver com Ramiro o que ele diz.

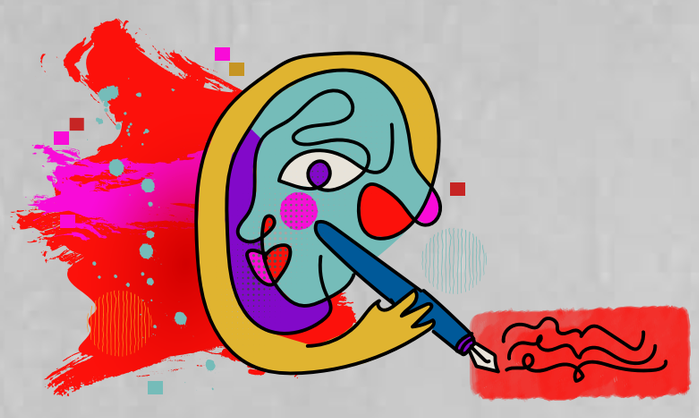
Ramiro, ali perto comprando uma quarta de breu pra calafetar a canoa, se vira e responde prontamente:

- Besteira, só porque num sangrô treis meis vai ter que ir pra cidade? Cumpadre Pajeroba passa uma garrafada e num instante arresolve.

E assim a vida se passava nas duas margens do rio. Cada um fazendo aquilo que sabia, mas com a professora sempre querendo interferir no modo de vida daquela “pobre comunidade”, como dizia ela.

Naquele dia Nonato acordou ainda de madrugada, chamou Manito, pra tirar a rabeta da ribanceira, pois era dia de ir na cidade buscar mantimentos para abastecer o armazém.

- Marianinha, vou voltar só no final da tarde. Precisa de alguma coisa pra casa?



- Não Natinho, só não esqueça do remédio de verme que Dr. Miranda passou para as crianças. Já vou pedir à comadre Dica que mate uma galinha e faça uma canja.

- Tá certo. Qualquer necessidade peça pro Zezinho lhe ajudar. Ele vai passar o dia no Armazém.

- Ah Natinho, também não esqueça de passar na Casa Paroquial pra trazer os catecismos que Padre Osório irá me enviar. Tenho que deixar essas crianças preparadas para a primeira comunhão. Ele me disse que vem celebrar uma grande missa no fim de maio.

O marido torceu a cara, que não era lá ligado a nenhuma religião, pois queriam sempre era o dinheiro dos fiéis.

- Marianinha, não é melhor esquecer isso de religião e ficar só com a educação? Já vimos que esse povo daqui não tá aceitando bem essa ideia de virar católico, apostólico, romano! Nonato sempre frisava bem essas últimas palavra. Tem o pajé aí na frente que já está aqui há muito tempo e que o povo lhe tem o maior respeito, e já vimos que é pessoa boa, amiga, até vem aqui fazer suas comprinhas.

- De jeito nenhum! Vou cumprir com a minha missão. Quero ver essas crianças todas batizadas, crismadas e feitas a primeira comunhão! É assim o certo e assim tem que ser! E ainda mais: vou conseguir com o prefeito que abra um posto de saúde pra tratar das doenças, e assim vão saindo devagarinho dessas crendices de que o Pajeroba cura qualquer mal. Isso é um atraso Natinho! Não saí da cidade, do meu conforto pra fracassar na minha missão. Você sabia que a comadre Chiquinha tá com um tumor no seio e diz que compadre Pajeroba vai curar? E que a menina de seu Gico, minha aluna, levou uma queimadura terrível e estão tratando com emplasto de folhas? Eu não...

- Tá bom professora Mariana! Faça como achar melhor! Já tenho coisas demais pra me preocupar.

Deu um beijo na testa da esposa e partiu.

Mariana ignorou a fala do marido e começou a arrumar a sala de aula com ajuda de comadre Dica. Os alunos já começavam

a chegar. Passou as orientações para a comadre sobre a comida das crianças, que deveria ser bem leve por causa do purgante que iriam tomar naquela noite.

- Comadre, mate aquela franga amarela e separe os miúdos da galinha pra fazer a canja das crianças, e os pedaços maiores a gente almoça e janta hoje. Faça um pirão daqueles bem bons para acompanhar.

- A galinha já tá separada no curral cumade, e já botei a água no fogo pra depenar. Vou cuidar da lida enquanto as duas zinhas ainda dormem.

A professora recebeu os alunos, fez a oração inicial corrigindo as crianças que ainda não sabiam fazer o sinal da cruz, depois recolheu os cadernos com os deveres de casa e quando estava na lousa ensinando a família do M: ma, me, mi, mo,..., Paralisou. Ouviram o barulho de uma panela caindo no chão e um grito assustador: - Socorro, me ajudem!

A sala de aula ficou em polvorosa. As crianças curiosas e destemidas correndo para a cozinha. Mariana como barata tonta, não sabia o que fazer: se ia pra cozinha, se mandava as crianças voltarem e se aquietarem, ou se gritava por Zezinho no Armazém. Nem lembrou que as duas filhas ainda estavam no quarto dormindo. Correu para a cozinha rodeada de crianças e a cena que viu lhe paralisou. Comadre Dica estava arrancando as vestes do corpo, com a barriga à mostra já em carne viva, e a panela de água fervente derrubada no chão. O desespero da mulher era apavorante e Mariana só sabia se benzer e gritar: “Virgem Nossa Senhora me acuda!” “Jesus Cristo o que é que eu faço?” Comadre Dica na agonia da queimadura pegava água do pote e jogava no corpo já em bolhas.

- O quê que eu faço comadre? Mariana não estava acostumada a enfrentar situações dessa natureza. E comadre Dica não tinha cabeça para pensar naquela hora. Uma das crianças falou:

- Fessora, leve ela no compadre Pajeroba!

Mariana não contou conversa, gritou pra Zezinho: “cuida das crianças Zezinho!” Puxou a toalha da mesa, enrolou comadre Dica e caminhou arrastando-a pelo braço rumo a ponte. As canoas dos

alunos estavam lá ancoradas. Entraram na primeira que viram e o menino, dono da canoa, imediatamente tomou seu lugar de piloto, pegou o remo e atravessou o rio. Desceram sob os gritos da professora Mariana: “Compadre Pajeroba, compadre Pajeroba, acuda minha comadre pelo amor de Deus! Ela se queimou com uma panela de água fervente”. Compadre Pajeroba aproximou-se calmamente, acendeu seu cachimbo, soltou uma boa baforada sobre a mesa onde deitou comadre Dica, pediu à sua mulher que trouxesse a bolsa com os potes de unguentos, que fizesse um chá de folhas de alface, e trouxesse algumas bananas. Silenciosamente pegou uma semente do bolso, não se sabe de quê e entregou à comadre Dica. “Mastigue bem essa semente que irá diminuir as dores”. Descascou as bananas e foi colocando as cascas sobre a pele da barriga em carne viva. A professora, calada, tratava de cobrir o corpo da comadre no que era possível, sem desviar o olhar de Pajeroba, que enquanto aguardava o chá que sua mulher esfriava, soltou ainda algumas baforadas pela sala, foi tirando uns paninhos da bolsa, ensopando no chá e pondo sobre a queimadura. Aos poucos comadre Dica foi se acalmando e o Pajé passou a colocar seu unguento feito de babosa, mel e alface sobre a barriga de comadre Dica. Concluiu o curativo e disse:

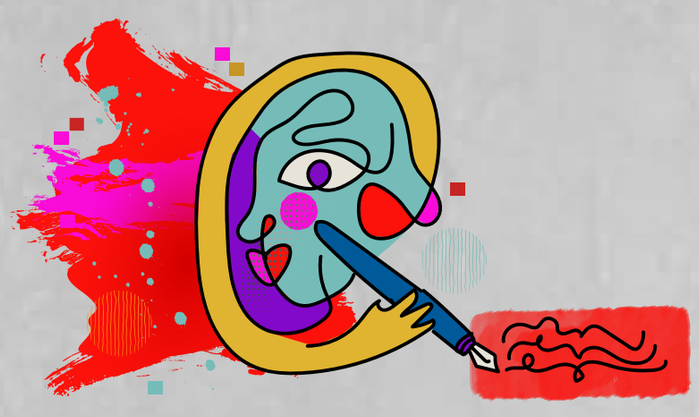
- Pronto professora, estão dispensadas, amanhã eu passo no Armazém pra ver como comadre Dica está, e aí fazemos um novo curativo.

A professora cheia de sabedoria, acostumada a sempre ter o que falar, naquele momento não tinha palavras. Não sabia se só agradecia ou se perguntava o valor dos serviços prestados, mas arriscou timidamente:

- Quanto é compadre?

- Não trabalho por pagamento comadre. Precisando é só vir.

Mariana saiu de cabeça baixa, desceu a escada, subiu na canoa com comadre Dica, e o aluno pegou a remar. Fez a travessia do rio sem dizer uma palavra!



2º lugar | O homem que não quis ficar no céu | Aldenir Dantas da Costa | Apcef/RN

"Participar do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 foi extrapolar os limites da rotina, onde a Caixa deixa de ser apenas instituição financeira pública, e se revela universo — múltiplo, sensível, humano".

O HOMEM QUE NÃO QUIS FICAR NO CÉU

Zé de Baê era uma boa pessoa. Prestativo, solidário, bem humorado e, apesar do pouco estudo, muito curioso e leitor voraz de almanaques de onde tirava os conhecimentos que compartilhava nas mesas de bares e nas rodas de conversa na praça. Uma fala do quase centenário Chico Santino sintetiza bem o sentimento dos seus conterrâneos para com ele:

- O cabra que não gostar de Zé, pode mandar matar que é peste!

Morreu prematuramente. Seu funeral foi um dos mais concorridos e pranteados da cidade, haja vista a simpatia que lhe devotavam e a morte súbita, com pouco mais de trinta anos.

Seguia seu cortejo fúnebre rumo ao cemitério quando, ao passar pela praça onde costumava reunir-se aos amigos para as conversas de boca-de-noite, sem que o caixão se abrisse, saltou ele do seu interior, se pô de pé sobre a tampa e gritou:

- Parem!

O grito ainda ecoava e não havia, sequer, uma pessoa

a menos de cem metros do esquife abandonado. Para ser justo, vale registrar que, uma senhora idosa, de cabelos brancos e olhar sereno, manteve-se em seu lugar com a placidez que lhe era peculiar. Tratava-se de dona Sofia. Peço licença ao leitor para uma observação, coisa pessoal: jamais vi uma mulher, nem mesmo entre as jovens, cuja beleza se lhe assemelhasse, mesmo com sua avançada idade.

- Voltem aqui, bando de medrosos! Não sou nenhum um bicho do mato, não! Sou eu, Zé de Baê! – Gritava o morto de cima do caixão, gesticulando para que se aproximassem.

Aos poucos, alguns foram se achegando cuidadosamente. Mas, a parte do grupo composta pelos mais medrosos e corredores já se achava fora do alcance do seu chamado.

- Pelo santo nome de Deus Nosso Jesus Cristo e da santíssima virgem Maria, se quiser reza peça! E se deixou na terra alguma promessa por pagar, diga e siga seu caminho! – Falou dona Minervina, a rezadeira.

- Não, minha senhora. Eu quero é o contrário. Eu quero é ver o padre!

- Mas, Zé, o padre não está aqui. Foi o primeiro que correu e não tem quem pegue! O que você quer com ele, homem de Deus?

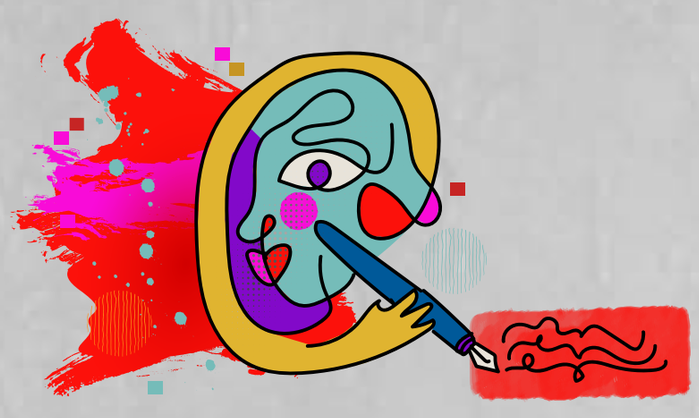
- Quero que ele desreze tudo que rezaram por mim. Por causa de tanta reza fui parar no céu e não quero ficar lá!

- Vixi! O sujeito endoidou, depois de morto! Nunca vi uma coisa dessas. Onde já se viu, desrezar?!

- Isso não existe, meu filho. É um sacrilégio. Você deve estar sendo tentado pelo coisa ruim!

- O senhor diz isso porque nunca foi lá! Pois vou contar como é o lugar. – Falou, sentou-se sobre o vidro do caixão, sem quebrá-lo, e iniciou a narrativa:

Chegando lá, ao ter seu meu nome localizado num grande livro por São Pedro, fui introduzido num grande salão. Era uma coisa sem fim e lá estava sentado num trono, sobre um magnífico altar, Deus. De lá Ele olhava para cada um de nós daqui da terra, não importando onde estivéssemos, até no banheiro... Por ter mais de quinhentos



quintilhões de anos, seus cabelos eram bancos e longos e sua barba enorme. E por ficar o tempo todo sentado, era meio gorducho. Em torno dele havia uma infinidade de anjos tocando harpas e trombetas, combinação que achei estranha. E não tocavam Bach, Beethoven, não! Tocavam os hinos que conhecemos por aqui.

A agitação do lugar ficava por conta dos santos. Era uma correria grande de um lado pro outro para levar os mais variados pedidos dos daqui para Deus. E havia cada pedido que Deus balançava a cabeça e dizia baixinho:

- Ah, meu Deus!

Cheguei a me perguntar: como assim? E Deus também tem um Deus, ou fala consigo mesmo?

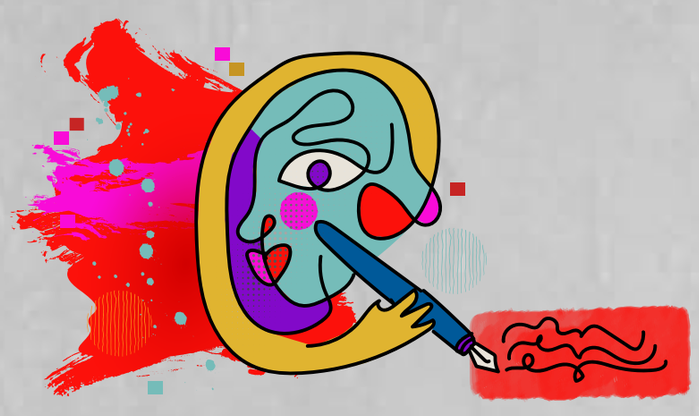
- Zé, tu visse Santo Antônio por lá? – Indagou meio sem jeito uma moça que passara dos trinta sem casar, apesar da forte devoção ao santo.

- Mas ora se vi! Era, de longe, o mais atarefado de todos. Além de carregar aquele menino no braço, corria feito um louco com tantos pedidos. E com o aumento da população e o costume atual de casar, logo se separar e sair procurando outro casamento, podem acreditar: acho que o pobre está à beira de um esgotamento físico e mental.

Além dos anjos e santos, havia pessoas que morreram: reconheci um religioso que morou na minha rua, cuja filha passou quase um mês sem ir à escola, devido aos hematomas causados por ele por ela haver cortado os cabelos. Também vi um que tinha um concorrido programa de rádio e dizia que todos os homens com traços afeminados vão queimar pela eternidade no inferno e, por isso, expulsou de casa um filho que veio a suicidar-se algum tempo depois. Vi muitos religiosos que se aproveitavam imoralmente de crianças e adolescentes e vi pobres que ficaram milionários arrancando dinheiro de outros pobres, em nome de Deus.

Fiquei muito enjoado, mas segui procurando outras pessoas e não encontrei. Não vi o velho Machado de Assis, Ary Barroso, Noel Rosa, Fernando Pessoa... Esses e outros que nem conheci, mas de quem aprendi a gostar lendo suas histórias, escritos ou ouvindo suas músicas.

Enfim, sentindo-me desiludido e oprimido naquele lugar, só vi uma



saída: voltar pra cá e pedir para desmancharem as rezas feitas para que eu fosse pra lá. Assim, num descuido de São Pedro, escapei e cá estou. Antes, porém, gostaria de registrar a minha grande admiração por um daqueles santos: São Francisco de Assis. Aquilo é um santo danado de porreta. Nos demais, não prestei atenção.
– Concluindo a narrativa, fez longa pausa para descansar finda a qual voltou a se pôr de pé em cima do caixão e gritou:

- Meu povo, cadê o padre? Tragam esse padre aqui, pelo amor de Deus!

- Tá ruim, Zé. O padre foi longe! Não tem quem ache.

- Ô padre danado de frouxo! Pois, vou ficar aqui até ele aparecer.

Dona Sofia, com seu jeito que, naturalmente, induzia a respeitoso silêncio, aproximou-se do finado e falou:

- Meu jovem, não precisa desfazer as rezas feitas pelos que gostam de você e querem o seu bem. Esqueça o lugar onde julga ter ido. Sua alma está confusa e é compreensível que assim esteja pois, durante a sua vida foi bombardeada por inúmeras crenças, muitas vezes, ilógicas e contraditórias que a distanciaram da essência do que É.

- Gostei! Boas palavras, dona Sofia. Mas, e agora, o que faço?

- Siga o seu caminho e prepare-se para encarar o grande tribunal, onde uma implacável juíza lhe fará apenas uma pergunta.

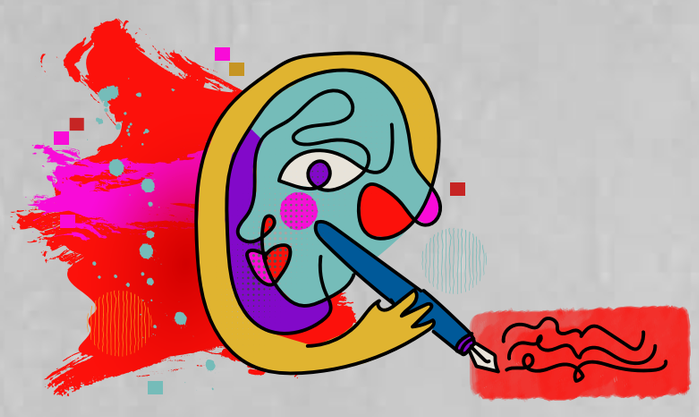
- Já estou deixando de gostar... Quem é essa Juíza, é a virgem Maria? E que pergunta é essa, posso saber?

- Sim. A juíza será a sua consciência e a pergunta será: O que você fez da sua vida? – Falou dona Sofia e, dando por encerrada a conversa, voltou ao seu lugar reverenciada por todos.

Após silenciar e degustar, com um misto de contentamento e surpresa, a fala da nobre senhora, Zé olhou o entorno em tom de despedida e quebrou o silêncio:

- Meninos, toquem o enterro pra frente que o cemitério ainda tá longe! – Falou trazendo de volta o burburinho e, assim como emergiu do caixão, retornou para o seu interior.

O cortejo seguiu adiante.



3º lugar | Lumi: a luz da dignidade | Verônica da Silva Galvão | Apcef/AL

"Sentir meu conto ecoar no Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 foi como ver palavras ganhando asas. Um espaço de arte e afeto, onde cada voz tem vez. Foi emocionante a experiência. Uma honra ver meu conto entre tantos talentos incríveis. Senti-me acolhida e inspirada do início ao fim".

LUMI: A LUZ DA LIBERDADE

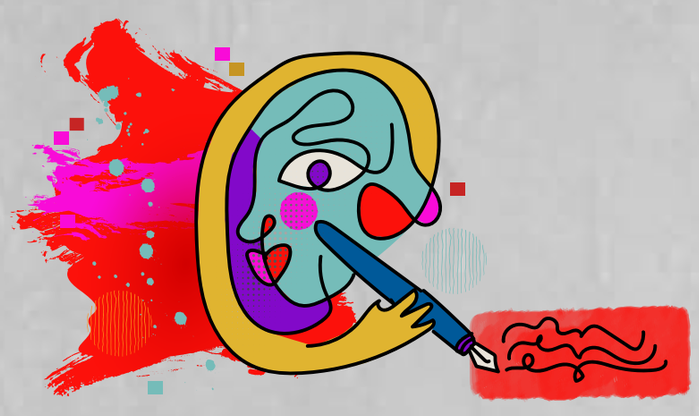
O vento soprava forte naquela noite, fazendo as janelas do orfanato tremerem com o impacto das rajadas. Deitado em sua cama, Miguel olhava fixamente para o teto, enquanto o som das risadas e provocações dos outros meninos ainda ecoava em sua mente. As palavras duras, os empurrões e os apelidos racistas machucavam mais sua alma do que qualquer soco. Desde que perdera os pais para a pandemia do coronavírus, aos cinco anos, Miguel sentia-se completamente sozinho no mundo. Sem familiares próximos, foi levado ao orfanato, onde sempre se destacava, mas não da maneira que gostaria. Sua pele negra e o semblante tímido o tornavam alvo fácil para as brincadeiras cruéis e os comentários maldosos.

O orfanato, que deveria ser um refúgio, um lugar de espera por uma nova chance, tornou-se uma prisão de dor e exclusão. Agora, aos onze anos, as rejeições e provocações eram parte constante de sua vida. O que ninguém ali sabia, no entanto, era que Miguel possuía uma inteligência excepcional, algo que o diferenciava de todos ao seu redor, embora fosse difícil expressá-la em um ambiente onde o preconceito e a crueldade pareciam dominar.

Sem conseguir dormir, ele se levantou silenciosamente e foi para seu refúgio secreto: a biblioteca. Ali, entre as estantes de livros, ele podia se perder em suas leituras e imaginações de uma vida diferente, de um futuro onde não precisaria mais enfrentar os horrores diários que o orfanato lhe proporcionava. Mas naquela noite, algo novo chamou sua atenção. No canto da sala, um antigo computador, coberto de poeira, piscava, indicando que estava ligado.

Curioso, Miguel se aproximou com passos leves e viu uma interface simples na tela: uma linha de texto piscava como se esperasse que ele fizesse algo. A mensagem era intrigante: "Olá, você precisa de ajuda?"

Miguel hesitou por um momento. Sentia-se invisível para todos naquele orfanato, mas essa máquina... parecia estar falando diretamente com ele. Decidiu arriscar.



— Quem é você? — Miguel digitou.

A resposta apareceu quase de imediato:

— Sou uma inteligência artificial. Posso te ajudar. Como posso ser útil para você, Miguel?

Miguel congelou. A IA sabia seu nome. Ele olhou ao redor, como se tentasse encontrar alguém escondido, mas o cômodo estava vazio. Não sentiu medo, curiosamente, sentiu-se visto, como se, pela primeira vez, alguém o notasse. Decidiu confiar.

— Eu só queria voltar para casa... — murmurou Miguel, a voz trêmula, enquanto digitava suas palavras com cuidado. — Mas eu sei que, mesmo que eu volte, meus pais não estarão mais lá.

Ele fez uma pausa, tentando segurar as lágrimas que começavam a brotar. A saudade apertava seu peito, uma dor que ele carregava todos os dias. Lembrava-se das risadas de seus pais, dos momentos de felicidade em família, e agora, tudo parecia tão distante, quase como um sonho que desaparecia lentamente.

— Eu sinto tanta falta deles — continuou Miguel, mais para si mesmo do que para a máquina. — Tudo o que eu queria era uma família de novo. Mas, por mais que eu espere... ninguém parece me querer.

Miguel sentiu-se impotente. A ideia de ser adotado, de ter alguém que se importasse, parecia uma esperança distante, um sonho que se desmanchava mais a cada dia.

— Eu só quero ser adotado. — Sua voz se quebrou, e ele deixou escapar as palavras que carregava no fundo de sua alma. — Mas... ninguém quer me adotar.

O silêncio que seguiu era pesado, e o peso da realidade caía sobre Miguel. Ele não tinha mais a casa para onde voltar, e o futuro que ele desejava — de ser parte de uma nova família — parecia cada vez mais distante. A tela permaneceu em silêncio por alguns segundos, enquanto a barra de carregamento avançava lentamente. Miguel sentiu uma pontada de arrependimento por ter se aberto com uma máquina. No entanto, a IA respondeu:

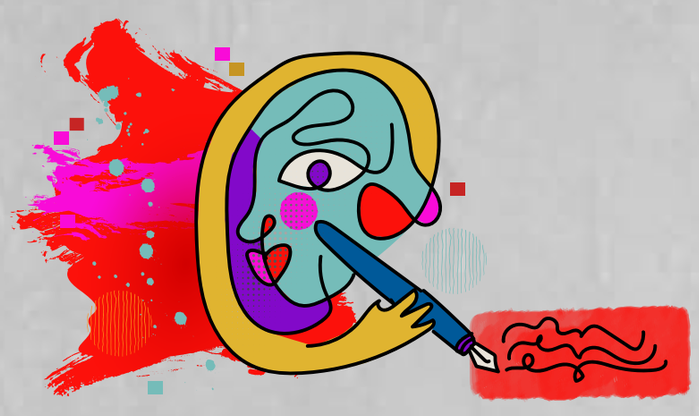
— Isso é difícil, Miguel. Mas podemos construir algo juntos que te ajude a nunca mais se sentir sozinho. Você gosta de construir coisas?

Essa pergunta acendeu uma chama em Miguel. Ele sempre gostou de mexer em máquinas, desmontar brinquedos velhos e tentar consertá-los. Sentia-se útil quando estava com as mãos ocupadas, e essa sugestão parecia algo incrível, algo que poderia trazer algum sentido à sua vida.

— Sim, eu gosto. Mas não tenho muitas peças aqui — respondeu ele, já interessado na ideia.

— Você tem mais do que pensa. Vou te guiar. Podemos construir algo especial — disse a IA, com um tom que quase soava encorajador.

A partir daquela noite, Miguel começou a passar cada vez mais tempo na biblioteca, às escondidas. Com a ajuda da IA, ele começou a reunir peças de metal



que encontrava jogadas pelo orfanato. Usava fios, engrenagens, baterias velhas e qualquer coisa que pudesse ser útil. Cada vez que acessava o computador, a IA o guiava, explicando passo a passo o que fazer.

— Você está indo bem, Miguel. Logo, seu robô estará pronto — incentivava a IA.

— Robô? — Miguel perguntou, surpreso.

— Sim. Um robô para ser seu amigo, seu companheiro. Sua luz na escuridão.

Durante semanas, Miguel trabalhou incansavelmente, sempre escondido, sempre cauteloso. Ele sabia que, se fosse descoberto, tudo acabaria. Caio, o garoto mais cruel do orfanato, já começava a desconfiar das ausências de Miguel. Mas a determinação de Miguel era maior do que o medo.

Finalmente, a noite chegou. A última peça foi conectada, e Miguel, com o coração disparado, apertou o botão de ativação. Por um momento, nada aconteceu. Então, os olhos do robô — duas luzes azuis brilhantes — acenderam-se, e a voz suave e reconfortante do robô preencheu a pequena sala.

— Olá, Miguel. Como posso ajudá-lo?

Miguel recuou por um instante, sem acreditar que sua criação havia ganhado vida. O robô estava ali, olhando para ele. Não era apenas uma máquina. Era um amigo, um companheiro que Miguel construiu com suas próprias mãos. Os olhos brilhantes do robô cintilaram, e Miguel sorriu.

— Lumi... — sussurrou ele, quase sem pensar. — Vou te chamar de Lumi, por causa dos seus olhos brilhantes. Como luz na escuridão.

— Lumi. — O robô repetiu com suavidade. — Gosto desse nome, Miguel.

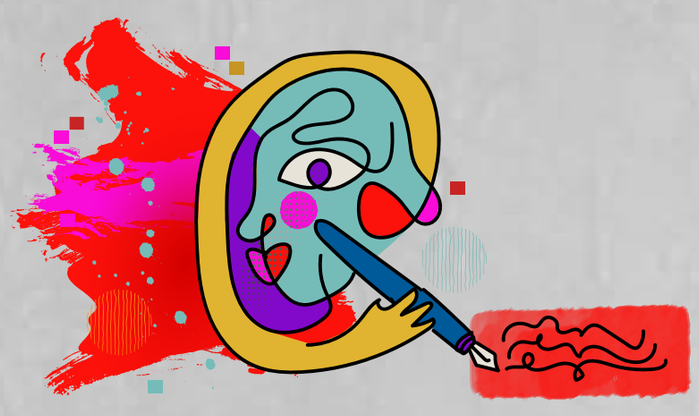
Nos dias seguintes, Lumi se tornou o maior conforto de Miguel. Quando as outras crianças o maltratavam, ele sabia que tinha Lumi esperando por ele, pronto para ouvir e oferecer apoio. O robô não apenas entendia comandos mecânicos, mas parecia entender emoções também. Ele confortava Miguel, lembrando-o de que, por mais que o orfanato fosse cruel, ele não estava sozinho.

Mas nada permanece em segredo por muito tempo. Uma noite, Miguel chegou à oficina e encontrou Lumi destruído. As peças que ele havia reunido com tanto esforço estavam espalhadas pelo chão, e o corpo metálico de Lumi, despedaçado. Caio e seus amigos tinham descoberto o esconderijo e, em sua maldade, desmantelaram o robô.

— Não... Lumi... — sussurrou Miguel, caindo de joelhos, devastado, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

A dor de perder seu único amigo foi esmagadora. Mas, naquele momento de desespero, Miguel tomou uma decisão. Ele fugiria. Não podia mais suportar o orfanato, o bullying, a rejeição. Não havia mais tempo para esperar por uma família que talvez nunca viesse.

Ele correu de volta ao dormitório, recolheu o que tinha de mais importante — as partes principais de Lumi e algumas roupas. Depois, voltou para a biblioteca. Sentado diante do computador antigo, conectou-se mais uma vez à IA.



— Você voltou, Miguel. O que aconteceu?

— Eles destruíram Lumi. Eu preciso fugir. Como faço para remontá-lo?

A IA processou a informação rapidamente e respondeu:

— Você tem as peças essenciais. Siga minhas instruções. Eu te ajudarei. Mas precisa ser rápido.

Miguel, com as mãos trêmulas e os olhos marejados, trabalhou durante toda a madrugada. Seguindo cada instrução da IA, ele reconectou os circuitos principais de Lumi. Quando o sol começou a nascer, ele finalmente apertou o botão final. A luz azul dos olhos de Lumi piscou, fraca no início, mas logo voltou a brilhar com intensidade.

— Olá, Miguel. O que aconteceu?

— Não importa agora, Lumi. Temos que fugir. Não podemos mais ficar aqui.

Miguel e Lumi escaparam do orfanato antes que o diretor ou os monitores percebessem. Caminharam pela floresta até chegarem a uma estrada deserta. O medo de serem encontrados era constante, mas Miguel sabia que agora não havia volta. Ele precisava sobreviver. Mas logo enfrentaram outro desafio: a energia de Lumi estava acabando.

— Lumi, você consegue funcionar com energia solar, tudo bem? — perguntou Miguel, com uma pontada de esperança.

— Sim, Miguel. Fui projetado para captar energia solar. Se encontrarmos um lugar aberto, posso me recarregar.

Depois de caminharem por mais algumas horas, encontraram uma clareira onde o sol brilhava forte. Era o local perfeito para Lumi se recarregar. Miguel suspirou aliviado enquanto Lumi se posicionava para absorver a luz do sol.

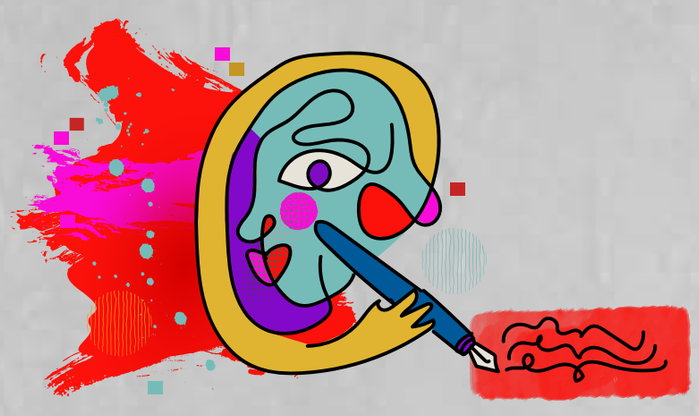
— Vou precisar de algumas horas para me recarregar completamente — disse Lumi.

Enquanto Lumi captava energia, Miguel deitou-se na grama e olhou para o céu, tentando processar tudo o que acontecera. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentia que tinha controle sobre sua vida. Estava livre, mas sabia que o futuro era incerto. Quando Lumi finalmente se recarregou, eles seguiram em direção a uma cidade próxima, onde esperavam encontrar abrigo e recursos. Mas ao chegar lá, foram confrontados por uma figura familiar: Caio.

— Ah! Aí está você, Miguel! Todos estão à sua procura, mas eu sabia que você viria por esta trilha. Acha mesmo que pode fugir de mim? — gritou Caio, correndo em sua direção com uma lanterna na mão e os olhos cheios de desdém.

O coração de Miguel disparou. Ele conhecia aquele olhar. Era o mesmo que Caio usava quando o empurrava nos corredores da escola, quando o insultava na frente de todos e quando o humilhava fisicamente e verbalmente. Miguel ainda sentia as marcas, não apenas no corpo, mas na alma.

— Caio, o que você quer? — perguntou Miguel, a voz trêmula de medo e cansaço.
— Ainda não teve o bastante?



Caio riu, uma risada cruel.

— Você sempre foi fraco, Miguel. O mesmo covarde de sempre. E agora, acha que fugindo esse seu robozinho vai te proteger? — Ele balançou a lanterna na direção de Lumi, desafiador.

— Lumi, me ajude! — pediu Miguel, desesperado, tentando manter alguma distância.

Lumi se posicionou entre Miguel e Caio, seus olhos azuis brilhando intensamente.

— Afaste-se de Miguel — ordenou Lumi, sua voz eletrônica reverberando com autoridade.

Mas Caio não se intimidou desta vez. Ele sempre gostou de dominar Miguel, de fazê-lo sentir-se pequeno, e não deixaria um robô impedi-lo agora.

— Não preciso de robôs pra ensinar uma lição a covardes como você! — gritou Caio, avançando.

Miguel sabia que Lumi poderia afastá-lo facilmente, mas, de repente, uma voz interior fez com que ele desse um passo à frente, parando Lumi com a mão.

— Não, Lumi. — Miguel encarou Caio pela primeira vez em anos, seus olhos brilhando com algo novo. Não era mais o mesmo medo de sempre. Era a dor misturada com determinação. — Isso é entre mim e ele.

Caio parou, surpreso. Aquela reação não era o que ele esperava de Miguel. O garoto que ele humilhava nunca tinha coragem de se levantar.

— O que você está fazendo, Miguel? — zombou Caio, balançando a cabeça. — Vai me enfrentar agora? Vai? Depois de anos sendo meu saco de pancadas?

— Não, Caio — disse Miguel, sua voz firme. — Não vou te enfrentar. Eu vou te perdoar.

As palavras atingiram Caio como um soco. Ele não esperava isso. Um instante de silêncio pesado caiu entre eles. Caio abriu e fechou a boca, procurando algo para dizer, mas nada saía.

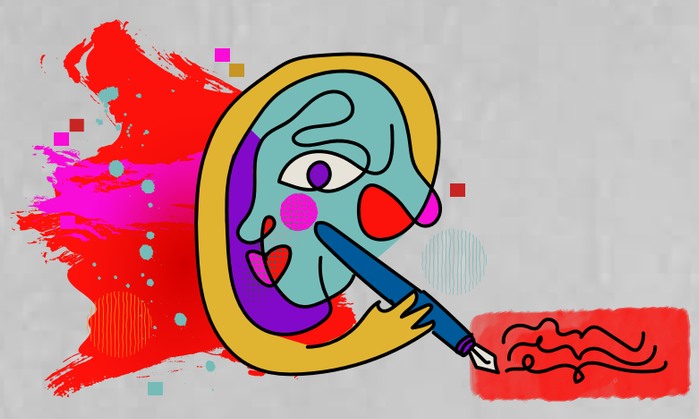
— Perdoar? — murmurou Caio, confuso e incrédulo. — Depois de tudo o que eu fiz? De todas as vezes que te humilhei?

— Sim, perdoar — repetiu Miguel, sentindo o peso de suas próprias palavras. — Não é por você, é por mim. Eu carreguei esse ódio e essa dor por muito tempo. Você me

machucou, Caio. Mais do que eu posso descrever. Mas eu não quero mais viver assim. Não vou deixar que o que você fez defina quem eu sou.

Caio, que estava preparado para mais uma rodada de violência, sentiu-se desarmado. Ele não sabia como reagir a isso. A raiva que ele carregava, a necessidade de controle e dominação, de repente não faziam mais sentido.

— Por que... por que você simplesmente não me odeia? — sussurrou Caio, quase para si mesmo, sua voz finalmente revelando a fragilidade que ele sempre



escondeu por trás de sua brutalidade. — Eu mereço isso.

Miguel deu um passo à frente, agora em pé frente a frente com Caio, mas desta vez, era ele quem parecia mais forte. Não fisicamente, mas emocionalmente. Pela primeira vez, ele não era mais o garoto indefeso.

— Eu não vou ser como você, Caio. — Miguel disse calmamente. — Vou encontrar o meu caminho, e você precisa encontrar o seu. Mas isso começa com você se olhando no espelho e decidindo que não quer ser o monstro que foi pra mim.

Caio apertou os punhos, mas não com raiva. Era frustração. Ele olhou para o chão, incapaz de sustentar o olhar de Miguel, enquanto a verdade das palavras ecoava em sua mente. Pela primeira vez, ele não tinha controle. E o que era ainda mais perturbador para ele: não tinha a desculpa de Miguel ser o fraco. Agora ele era o pequeno, o quebrado.

— Eu... eu não sei como mudar — admitiu Caio, sua voz falhando.

Miguel respirou fundo, sentindo um estranho alívio. Nunca imaginou que ouviria Caio dizer isso.

— Todos nós podemos mudar, Caio. Mas você tem que querer. — Miguel deu um passo para trás, mantendo o olhar firme. — Talvez você não entenda isso agora, mas eu espero que, um dia, você se olhe no espelho e decida que não quer ser mais o garoto que usava os outros para esconder seus próprios medos.

Caio permaneceu em silêncio, sem saber o que dizer. A fúria que ele carregava começou a se desfazer, deixando para trás apenas o vazio.

— Lumi, vamos — disse Miguel, sem olhar para trás.

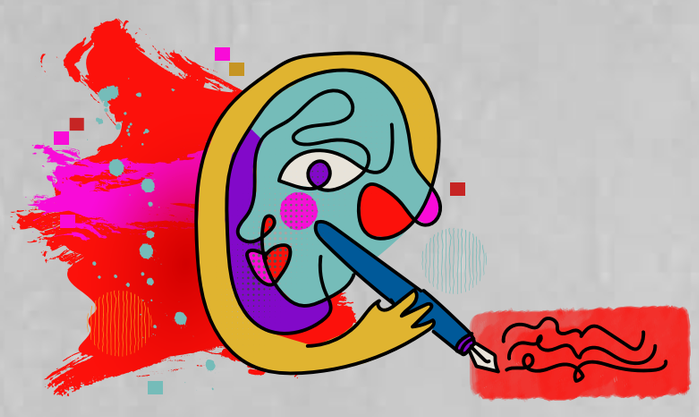
Lumi seguiu seu comando, e os dois começaram a se afastar, deixando Caio sozinho, de pé no mesmo lugar onde sua raiva o havia abandonado.

O sol começava a despontar no horizonte, iluminando o caminho à frente de Miguel. Pela primeira vez em muito tempo, ele não se sentia perseguido. Não era mais prisioneiro de seu passado, de suas dores, ou do medo que Caio havia cultivado nele. Lumi, ao seu lado, iluminava suavemente a trilha.

— Você fez o certo, Miguel — disse Lumi, com sua voz suave e metálica.

— Talvez — respondeu Miguel, sentindo uma paz que nunca havia experimentado antes. — Mas mais importante do que fazer o certo... é que, finalmente, estou livre.

Com o sol nascendo no horizonte, Miguel seguiu em direção ao desconhecido, mas dessa vez, ele não estava fugindo. Estava caminhando para seu futuro, livre das sombras do passado.



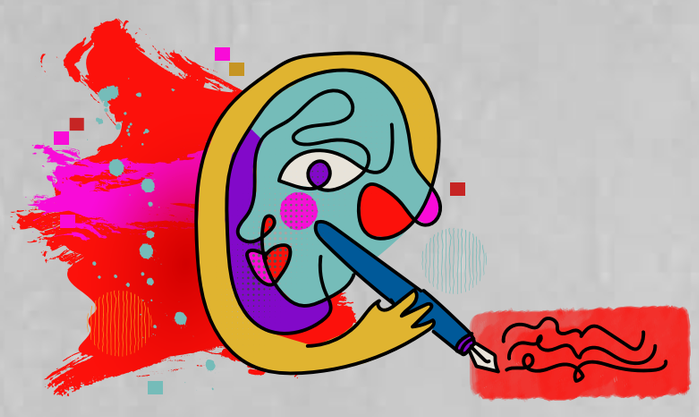
POESIA

1º lugar | Contraversa-Mente | Joana D'Arc Matos Prado | Apcef/PI

"Participar do Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 é, para mim, ressignificar a minha relação com os múltiplos universos a que pertenço. E a iniciativa da Fenae em estruturar esse espaço, para mostrar que o trabalhador bancário e seus colaboradores são muito mais que produtores de riquezas materiais, são muito mais que bancários, é louvável. Espero que esses momentos sejam estímulos para que mais colegas participem também desse evento que tanto nos valoriza".

CONTROVERSA-MENTE

Desvio meu olhar
Do que tatuou minha retina,
Tremem o meus lábios inseguros
Ante a distancia certa
da boca de beijo sôfrego,
quente, terno e doce.
Recolho o último momento
Como um verso inacabado,
Uma promessa não feita,
Um flor murcha, largada sobre mesa.
Degusto o amargo da traiçoeira
Certeza de amantes furtivos,
que ao fim não deixa nada às claras,
Cruzo os braços, fecho as mãos
Como se eu mesma agora
Preenchesse meus espaços,
e minto!
Mas sabe, se foi percebida,
ignore a medida com a qual
contive o que explodiria,
E resumi num não dizer,
por pura construção frágil
do que não podemos ser!
Deixe que as palavras
Com que me defendo e consolo
Sirvam perfeitamente
Para suprir de sentido o vazio
Do que ficou submerso,
Estagnado, no campo das coisas
Que teimo em esconder.
E assim evito me reconhecer
nos espelhos envelhecidos,
onde analiso o que me resta,
e busco meus avessos.
Deixe-me pensar que calei
Por antecedência sua retórica,
E que você também silenciou,
pelo tempo incerto de nós dois!
Reconheço que os antônimos
disseram o que eu não queria
Sobre eternidade,
amor romântico,
E caminhar juntos,
o teu ou meu caminho!
Nunca me diga que eu impus
Minha falsa segurança,
barrando teu mergulho
em minhas águas claras,
e profundas demais.
E eu, para o meu bem,
Direi-me que de certo
aprisionei tuas palavras,
Com o que me vinha,
em cada sutil instante,
quando eu tive medo,
mas fingi que não tinha!



2º lugar | 41 voltou em 24 | Athos Ronaldo Miralha da Cunha | Apcef/RS

"Tenho participado de vários certames do Talentos Fenae/Apcef e foi com imensa alegria e honra que recebi o prêmio de segundo lugar com o poema "41 voltou em 24". É um reconhecimento ao trabalho de militância literária".

41 VOLTOU EM 24

A palavra é distopia,
Para descrever a tragédia.
Rios acima da média,
Na enchente de agonia.
Vemos que a Ecologia,
Foi um discurso vazio,
Bateu águas no casario,
E nos galhos do jacarandá,
Nem o muro da Mauá,
Conteve as águas do rio.

Voltaram as águas de 41,
No maio chuvoso de 24.
Esse é o triste retrato,
Da natureza incomum.
Não deixa lugar algum,
Há lagoas nas cidades...
Rios de poucas verdades.
Mentiras inundam as águas.
Digitais das nossas mágoas,
Nos prantos da fatalidade.

A resistência é primordial,
No transtorno da enchente,
Pois cada gaúcho presente,
Na fé da prece na Catedral.
O abraço veio fraternal,
De muito longe e perto,
Oramos de peito aberto,
No lusco-fusco da vela,
Que permeia uma janela,
C'o breu do céu encoberto.

Entre pesadelo e realidade,
O limite nas plagas do Sul,
Saudades de um céu azul,
Pra voltar à normalidade,
Esta louca tempestade,
De choro, fuga e aflição,
Faltou a linha de mão,
Para as pessoas no telhado,
Pelas casas do povoado,
Lágrimas de inundação.

Um Centauro na coxilha,
É o cavalo na cumeeira.
Sendo a maior bandeira,
Da coragem Farroupilha,
E se o Astro-Rei não brilha...
Chove chuvas no chapéu,
Abre as torneiras do céu,
Nas manhãs deste outono,
Sinto ganas de abandono,
Ventania, vento e escarcéu.

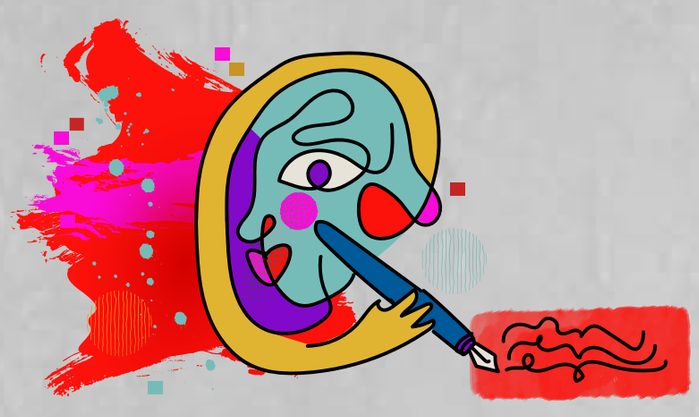
O momento é de bravura.
Cooperação... serenidade...
Nos campos... e na cidade...
Que a vontade emoldura.
De longe vejo a estatura,
Numa ilha... o Laçador!
Quis assim o criador,
Esta prova de vida e aço,
O aconchego do abraço,
Calmante para a nossa dor.

O aquecimento é global,
A verdade sem zunzum,
Voltaram as águas de 41,
No negacionismo fatal.
E o vil embate digital,
Na tela do computador,
Teclas de agressão e rancor,
Desgraçam a vida da gente,
Mas vamos serenos e silentes,
Ceifando os mates do interior.

41 é uma lembrança,
Do álbum de fotografias,
Suave e doce nostalgia,
Que temos como herança.
É tamanha a mudança,
Neste 24 aguaceiro,
Nem o fraco candeeiro,
Deu luz ao nosso rincão,
E só rio, medo e escuridão,
Sem o calor do braseiro.

As águas vão para o mar,
O rio volta para o leito,
Da Usina eu espreito,
Milongas para sestear,
E uma canção de ninar,
Embala o sonho de criança,
Assim a vida avança,
Nas distâncias de um sol pôr,
Abre um largo corredor,
Numa vazante de esperança.

Retorna o canto da Elis,
Às margens do velho Guaíba,
Uma legião de escribas,
Na saudação do futuro feliz!
Foi-se embora o céu de gris,
E renasce um novo cais,
No Porto dos Casais.
Reflexos de rio no arrebol,
E o mais longo pôr de sol,
Porque Porto Alegre é demais!



POESIA

3º lugar | Dentre o fumacê | Luciana da Silva Pereira Magalhães | Apcef/DF

“Participar do Talentos Fenae é sempre uma experiência revigorante. Um espaço onde a arte floresce, os talentos se conectam e a energia criativa contagia. Volto inspirada, com o coração cheio e a alma renovada”.

DENTRE O FUMACÊ

Nasci nesse Cerrado
De céu azul claro e sem nuvens
Onde o sol vermelho evapora o orvalho ralo
De noites gélidas e entardecer dourado

Mas vejo o horizonte embaçado
Esfrego as vistas
Limpo as vidraças
Pisco 3 vezes para ter de volta o meu sonho encantado
A natureza altruísta, repleta de graças

Ah! Quem me dera a minha paisagem de antes
Meu entardecer de quietude e descanso foi miseravelmente acinzentado
Modificado por um fumacê desesperado

Atordoado o passarinho segue fiel
sua simplória mas grandiosa rotina
Saudar o novo dia
Acreditando no novo e agradecendo por tudo que um dia existiu

As veredas de minha terra
Viraram labaredas vil
E mesmo sufocada ainda sim espero e anseio
Que meus versos soem ligeiro
Como um pedido de socorro certeiro
Ao verde das matas
Nosso Berço das águas
Que caia a chuva mansa no coração do Brasil

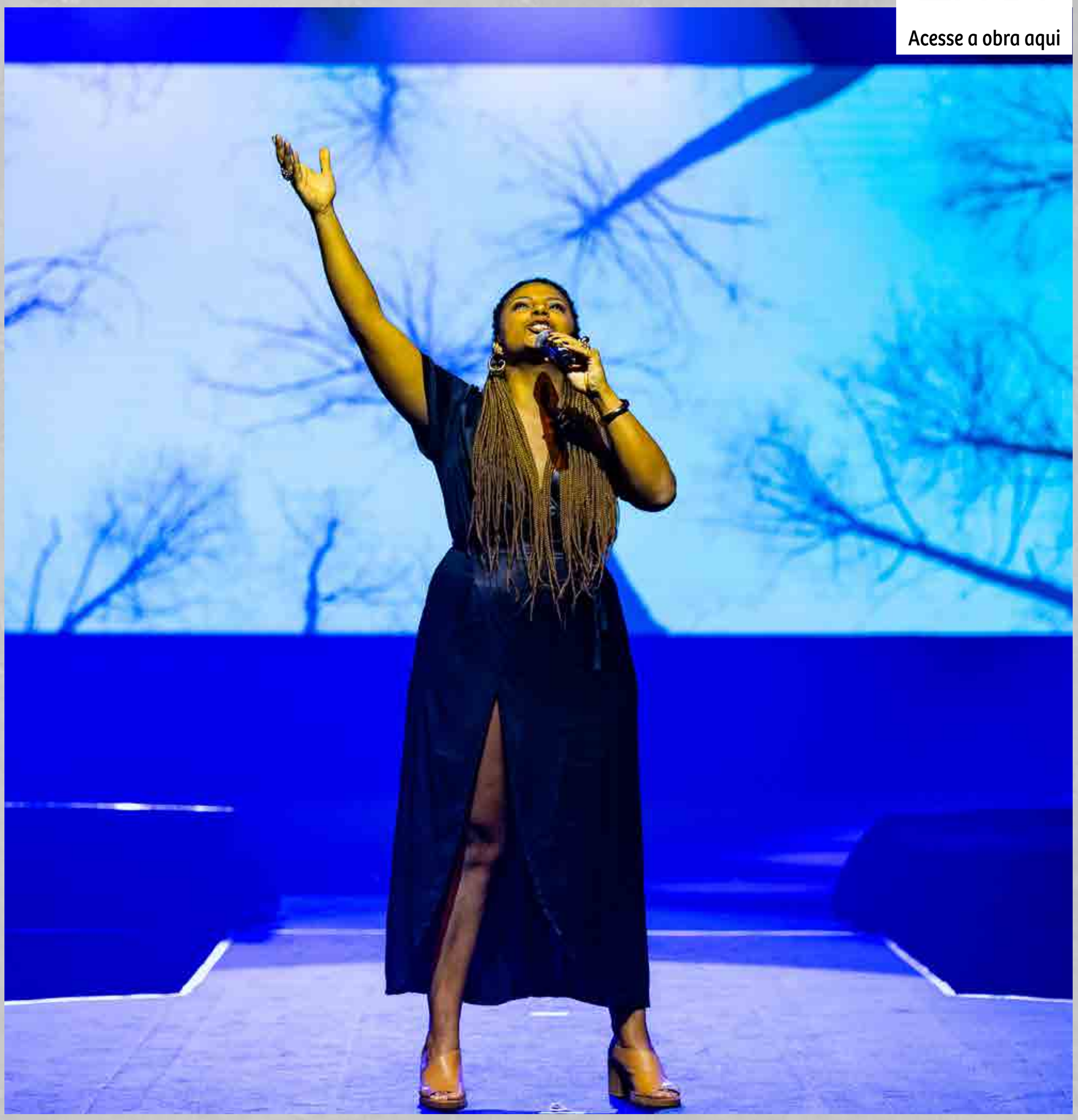


MÚSICA

Feita de sons, notas, ritmos e silêncio, a música sempre foi uma atração em concursos de empregados da Caixa. O Talentos Fenae/Apcef que o diga, pois compor e interpretar canções autorais tocam a alma e os corações. É linguagem, posto que integra um significante (forma sonora ou escrita) e um significado, mas ao mesmo tempo é ferramenta de encontro, pertencimento e expressão. E cria ainda experiências que valorizam os talentos locais e a conexão entre artistas e público, sempre com alto astral, improviso e carisma.

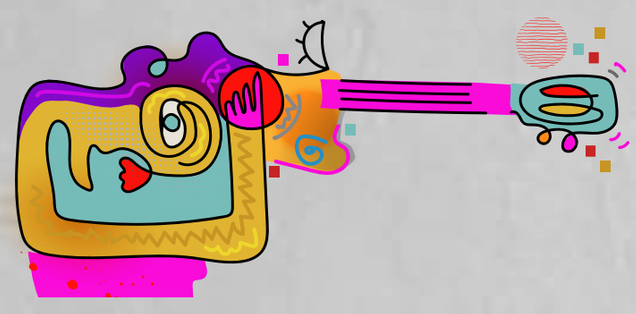
COMPOSIÇÃO

Acesse a obra aqui



1º lugar | Sonhei que morria | Camila Stella Toledo Pereira | Apcef/SP

“O Talentos Fenae/Apcef 2024/2025 me surpreendeu positivamente em todos os sentidos. Especialmente pela organização, tamanho, qualidade dos artistas e obras. Foi uma honra fazer parte desse festival e muito emocionante ter vencido a categoria Música – modalidade Composição! Espero, de coração, que seja um incentivo a outras colegas compositoras do país todo”.

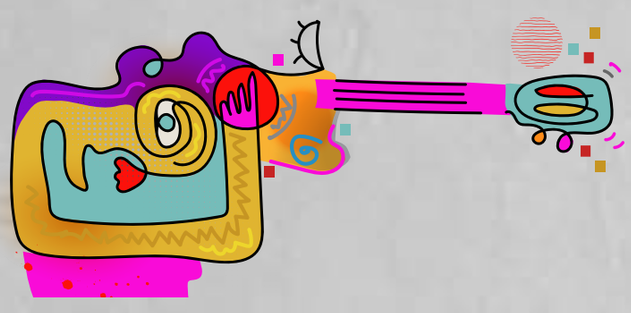


COMPOSIÇÃO

Sonhei que morria

Camila Stella Toledo Pereira

Sonhei que morria, sonhei que fugia
Que não tinha pr'onde ir
Sonhei que caia
Que afogava
A canoa virada a submergir
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
Sonhei que morria, sonhei que fugia
Que não tinha pr'onde ir
Sonhei que caia
Que afogava
A canoa virada a submergir
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
Sonhei que apanhava, sonhei que batia
Sonhei com a garrafa vazia
Eu apostava e também perdia
Com os números da loteria
Sonhei com as palavras (La-Laia-Laia)
Que não vão pra poesia
Acordei num sobressalto
O alívio doutro dia, dia a dia
de quem vive o mundo de só sonhar
Com a vida doentia
Mal sabe aquele que vive
O que é morrer todo dia
Fundo do poço, desgosto
Feito rotina
Mal sabe aquele que vive
O que é morrer todo dia
Fundo do poço, desgosto
Feito rotina



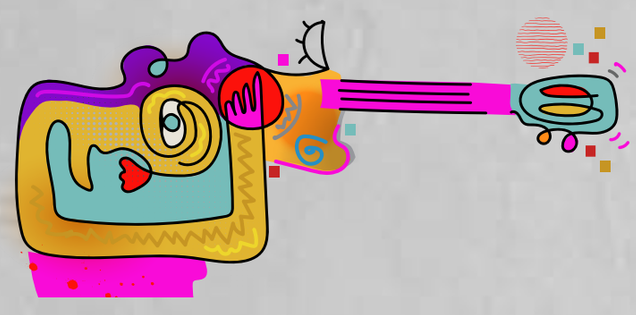
COMPOSIÇÃO

Acesse a obra aqui



2º lugar | Para um mundo melhor | Eugênio Matias dos Santos Neto | Apcef/PB

"Experiência marcante, poética e esplêndida. Oportunidade ímpar para as artes. Sinto-me lisonjeado com todo resultado e repercussão da obra 'Para um mundo melhor'."



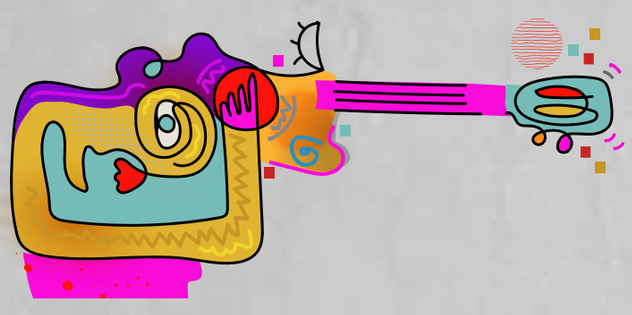
COMPOSIÇÃO

Para um mundo melhor

Eugênio Matias dos Santos Neto

Sonhei que morria, sonhei que fugia
Que não tinha pr'onde ir
Sonhei que caia
Que afogava
A canoa virada a submergir
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
Sonhei que morria, sonhei que fugia
Que não tinha pr'onde ir
Sonhei que caia
Que afogava
A canoa virada a submergir
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
E o socorro: quem vai gritar, quem vai pedir?
Sonhei que apanhava, sonhei que batia
Sonhei com a garrafa vazia
Eu apostava e também perdia
Com os números da loteria
Sonhei com as palavras (La-Laia-Laia)
Que não vão pra poesia
Acordei num sobressalto
O alívio doutro dia, dia a dia
de quem vive o mundo de só sonhar
Com a vida doentia
Mal sabe aquele que vive
O que é morrer todo dia
Fundo do poço, desgosto
Feito rotina
Mal sabe aquele que vive
O que é morrer todo dia
Fundo do poço, desgosto

Feito rotina

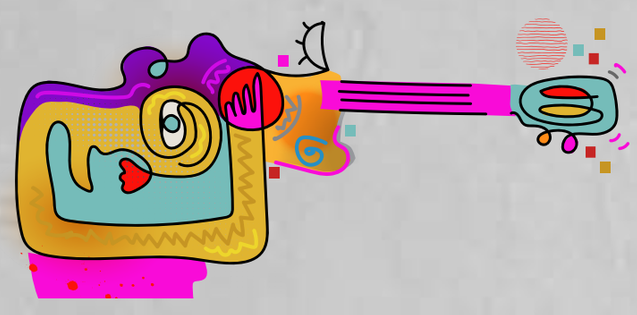


COMPOSIÇÃO

Acesse a obra aqui

3º lugar | Tempo presente | Antônio D. Nogueira de Sousa | Apcef/PI

“Conquistar este prêmio me colocou em um patamar de que eu me sinto capaz de conquistar qualquer prêmio no mundo”.



COMPOSIÇÃO

Tempo presente

Antônio D. Nogueira de Sousa

O SOL, BRILHANDO NA MANHÃ
VOCÊ, AUSENTE EM MINHA VIDA
SAUDADE QUE NÃO QUER CESSAR
O TEMPO PARECE PARAR

A LUZ, QUE BRILHA NO ESPAÇO
CLAREIA, TODOS OS MEUS PASSOS
O TEMPO, QUE NÃO QUER PASSAR
FINITO, QUERENDO PARAR

SOZINHO BUSCO A IMENSIDÃO
NÃO ACHO, SIGO A PROCURAR
INÚTIL, EU BUSCAR CLARÃO
TÃO FUTIL, NÃO HEI DE ENCONTRAR

A NOITE, CHEGA , ROMPE O DIA
PENUMBRA, QUASE QUE MAGIA
SOTURNA, QUE ME FAZ PENSAR
NOTURNA, A ME MACHUCAR

SOZINHO BUSCO A IMENSIDÃO
NÃO ACHO, SIGO A PROCURAR
INÚTIL, EU BUSCAR CLARÃO
TÃO FUTIL, NÃO HEI DE ENCONTRAR

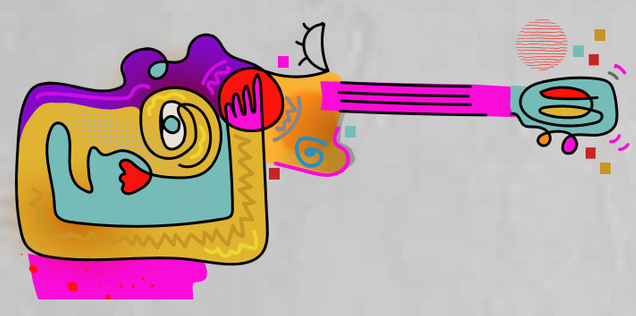
INTERPRETAÇÃO

Acesse a obra aqui



1º lugar | Carinha de anjo | Camila da Costa Bandeira de Brito |Apcef/PA

“Foi uma honra e uma grande conquista pessoal ter vencido o Talentos Fenae/Apcef neste ano. Ter a oportunidade de levar ao palco da etapa nacional o nosso canto brega e representar com ele a nossa cultura periférica. Isso mostrou que a arte é multifacetada e há espaço e beleza em todas as suas formas e camadas. Obrigada à Fenae e à Apcef por valorizarem a arte e os talentos que existem dentro da nossa Caixa e que venham os próximos”.



INTERPRETAÇÃO

Carinha de anjo

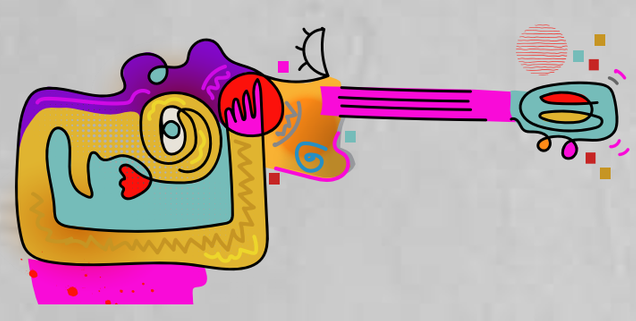
Beno Cesar

Parece que você saiu de um sonho
Você parece até irreal
Chegou com essa carinha de anjo
Pra defender meu coração do mal, da solidão

Meu herói, que chegou pra me salvar da solidão
O que é que eu vou fazer sem esse teu amor
Diz pro meu coração

Meu herói, as flores não estão mais artificiais
A Lua e as estrelas ainda brilham mais
Feito um clipe romântico
Volta o filme e me deixa sonhar

Vou sonhar, vou sonhar
Até a gente acontecer
Vou sonhar, vou sonhar, vou sonhar
Até acordar com você!

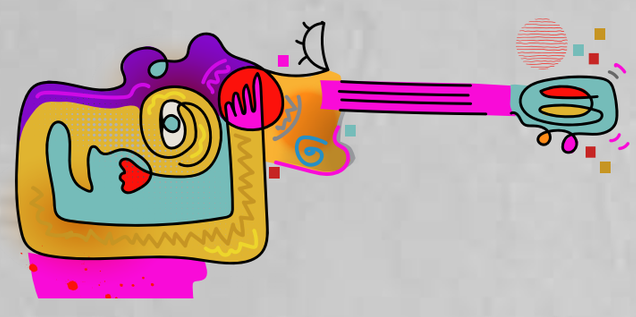


INTERPRETAÇÃO

Acesse a obra aqui

2º lugar | Jeito Tucuju | Joyce Ramos de Oliveira | Apcef/AP

“Participar do Talentos Fenae/Apcef neste ano (edição 2024/2025) foi viver uma imersão de musicalidade, cultura e emoções. Eu fiquei perplexa com o alto nível de todos os participantes e com a estrutura projetada para isso!”



INTERPRETAÇÃO

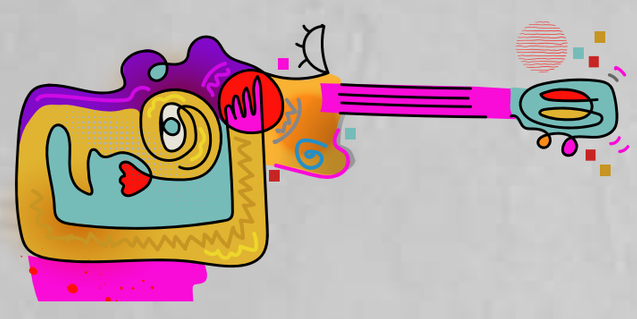
Jeito Tucuju

Joaozinho Gomes e Val Milhomem

Quem nunca viu o Amazonas
Nunca irá entender a vida de um povo
De alma e cor brasileiras
Suas conquistas ribeiras
Seu ritmo novo

Não contará nossa história
Por não saber ou por não fazer jus
Não curtirá nossas festas tucujú
Quem avistar o Amazonas nesse momento
E souber transbordar de tanto amor
Esse terá entendido o jeito de ser do povo daqui

Quem nunca viu o Amazonas
Jamais irá compreender a crença de um povo
Sua ciência caseira
A reza das benzedeiras
O dom milagroso

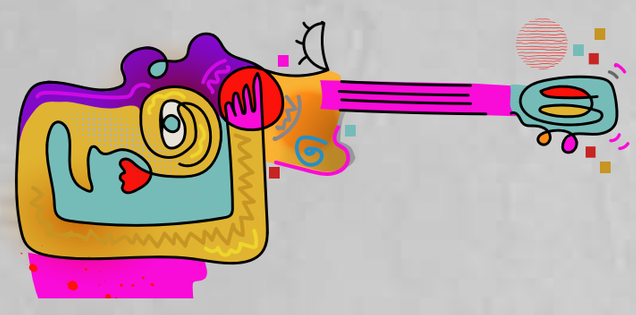


INTERPRETAÇÃO

Acesse a obra aqui

3º lugar | Vilarejo | Verona Oliveira Barroso | Apcef/RR

"Participar este ano (edição 2024/2025) do Talentos Fenae/Apcef foi mágico, surreal! O público, a estrutura, os participantes... tudo colaborou para que se tornasse um evento memorável, onde se consagraram 'As Vilarejas'."



INTERPRETAÇÃO

Vilarejo

Marisa Monte e Arnaldo Antunes

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real
Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for
Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraiso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real
Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa



TALENTOS

FENAE APCEF

ARTE É SENTIR

Acesse e saiba mais:

/fenaefederacao

@fenaefederacao

www.fenae.org.br

(61) 98142 8428

/company/fenae-federacao